

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
GRADUAÇÃO EM TEATRO

GISLEIDE SOUZA ROCHA

**PEQUENO DETALHE, uma aprendiz de mundo: EXPERIÊNCIAS DE UMA
PALHAÇA EM CONTEXTOS DIFERENCIADOS DE ATUAÇÃO**

Uberlândia – MG
Novembro – 2018

GISLEIDE SOUZA ROCHA

**PEQUENO DETALHE, uma aprendiz de mundo: EXPERIÊNCIAS DE UMA
PALHAÇA EM CONTEXTOS DIFERENCIADOS DE ATUAÇÃO**

Memorial apresentado ao Instituto de
Artes da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito para a
obtenção do título de Graduada em Teatro.

Orientadora: Ana Elvira Wuol

Uberlândia – MG
Novembro – 2018

GISLEIDE SOUZA ROCHA

**PEQUENO DETALHE, uma aprendiz de mundo: EXPERIÊNCIAS DE UMA
PALHAÇA EM CONTEXTOS DIFERENCIADOS DE ATUAÇÃO**

Memorial apresentado ao Instituto de
Artes da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito para a
obtenção do título de Graduada em Teatro.

Orientadora: Ana Elvira Wuo

Banca de Avaliação:

Ana Elvira Wuo

Orientadora

Vilma Campos Leite

Membro

Valdir Luciano Pfeifer da Silva

Membro

Uberlândia – MG, _____ de 2018

RESUMO

O presente trabalho relata a experiência da palhaça Pequeno Detalhe em vários contextos de atuação: escolas, rua, hospital, bar, igreja, casa de família e no teatro. Para esse experimento, foi criada, com direção da professora Ana Wuo, uma cena específica “ Fazendo sumiço”, a qual foi levada para os espaços mencionados acima com uma margem improvisacional. Dentre as abordagens práticas e teórico investigativas realizadas para esse TCC, estudei os autores clássicos Fellini, Bergson, Castro, Massetti, Lecoq, Wuo, Larrosa dentre outros, que desenvolvem temática sobre o palhaço no contexto social e histórico, promovendo um estudo que leva a compreensão da etimologia da palavra palhaço, sua origem, suas transformações no decorrer do tempo e relaciona esse conhecimento as experiências por mim vivenciadas. Fato bem importante na minha formação é que a palhaça ajudou a entender que pode haver frustração na aprendizagem, que fracassar pode ser uma experiência de força que me atravessa e que não conseguir fazer algum exercício teatral ou cena em algum momento da graduação é parte da experiência de aprender. O clown tem sido minha forma de desaprender e aprender no mundo, pois o palhaço nos ensina a ver pelo lado do avesso , assim consigo ver o quanto o meu erro é produtivo e constrói o meu aprendizado como atriz e mulher.

Palavras-chave: Teatro; Palhaço; Experiência; Formação.

ABSTRACT

The present work relates the experiences of the clown Pequeno Detalhe in multiple acting contexts: schools, on the street, hospitals, bars, churches, family houses and in the theater. For this experiment, we created a specific scene named “Fazendo sumiço”, directed by the professor Ana Wuo, and took it to the spaces mentioned with a margin in improvisation. Within the practical and theoretic investigative approaches used in this work, we studied the classic writers Felini, Bergson, Castro, Masseti, Lecoq, Wuo, Larrosa and others, who developed a thematic about the clown in a historic and social context, promoting studies that lead to the comprehension of the clown etymology, as well as its origin, your transformations throughout time, and its relation with the experiences here mentioned. One significant matter is how the clown helped me understand how the frustration can happen in the learning process, how failure can be an experience of power that thrusts me, and how not being able to do a scene or theatrical exercise in any moment during graduation is a part of the learning experience. Clown has been my way of unlearning and learning in the word, because the clown helps us see from the other side, and in that way I can see how productive my mistake is, and how it builds my learning as an actress and a woman.

Keywords: Theater; Clown; Experience; Learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. MEMORIAL DE FORMAÇÃO	7
2. PRIMEIRO DETALHE – O QUE É O PALHAÇO?	30
3. SEGUNDO DETALHE: O QUE É O RISO?	34
4. TERCEIRO DETALHE NEM TÃO DETALHE ASSIM: A EXPERIÊNCIA DA PALHAÇA EM CONTEXTOS DIFERENCIADOS DE ATUAÇÃO.....	36
4.1. Melhores momentos.....	36
4.2. Escola 1: sobre um estágio que surpreende e possibilita.....	37
4.3. Escola 2: no caos também acontece uma cena	40
4.4. Sobre o palco que sua casa pode ser	41
4.5. Igrejas	45
4.6. Bar da Antônia.....	52
4.7. Palhaça no hospital: acredite no riso quando tudo estiver perdido	54
4.7.1. Experimentar acreditando no espaço de atuação do hospital	55
4.7.2. Sobre um trio e seus detalhes.....	56
4.7.3. Palhaceando no hospital por uma escrita automática.....	58
4.7.4. Confusões hospitalares.....	58
5. RELATOS.....	61
5.1. Pequeno detalhe muda e como isso a muda: uma palhaça aspirante a LIBRAS	61
5.2. Relato: adentrando o pediatrando	62
5.3. Relato: experimentar acreditando no hospital.....	63
5.4. Relato: voltar (estar hospitalar)	64
6. METODOLOGIA	66
6.1. Quadro teórico: Estudos com autores clássicos	66
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
8. AGRADECIMENTOS	70
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
10. LISTA DE FIGURAS.....	74
11. FOLHAS DO CADERNO DE BORDO ENCONTRADAS E PINTURAS.....	76

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo relatar a experiência da atriz como palhaça em diferentes contextos de atuação e de como surgiu a palhaça na vida de uma atriz, antes e durante o aprendizado na faculdade de Teatro, traçando todos os impactos causados por cada experiência, entendendo sua pessoa/atriz em transmutação para a sensibilidade do fazer teatral, reforçando a importância de cada ser em sua potência, transformando uma formação dentro e fora do palco. O que me motivou a pesquisar vários ambientes de atuação foi, aos poucos, perceber como a palhaça era recebida, diferentemente, dependendo do público que a via e como espaços diversos de trabalho poderiam trazer experiências diferentes, ampliando meu ser palhaça.

Num primeiro momento, faço um relato da minha experiência de vida com atravessamentos na minha formação como estudante até chegar à Universidade. E como tudo isso está entrelaçado em um quebra-cabeça onde todas as peças de uma vida experimentada têm grande importância, cada uma com seu detalhe único. Permissão concedida aos pequenos detalhes da vida de uma atriz palhaça em construção, boa peça!

1.1. MEMORIAL DE FORMAÇÃO

As cortinas se abrem em minha própria casa, onde eu, com 4 anos, começo a fazer de lanternas microfones, minha mãe embarca junto na criação fazendo dos tapetes da casa uma grande passarela. Vejo vídeos da criança que eu fui, e essa bailava nas pontas dos pés e, sempre que alguém desligava a música, ela dizia: acabou, põe outra. Garotinha, que aos 5 anos, pegava as raquetes de plástico de tênis e fazia delas remos, para o grande barco que era minha banheira azul. Ao adentrar os muros da escola e eu soube que meus longos cabelos e olhos claros eram importantes para algo, foi assim que consegui meus primeiros personagens, e é claro também me escolhiam, pois eu conseguia decorar longos textos, ou céus, se minha mãe ao menos conhecesse Peter Slade.

Em seu livro *Jogo dramático infantil* (1958), Slade aponta que não é saudável a criança decorar textos e mostra a importância do brincar como jogo. Meu primeiro contato com esse autor se deu na disciplina de estágio 3, na qual a turma em que Camila, minha colega na disciplina, e eu trabalhávamos com crianças de 3-6 anos. Provavelmente eu não teria decorado nada e minha vontade seria bem mais aproveitada. Entretanto, foi sim um belo período, eu também gostava de dançar, mas diziam que eu era tímida nisso, eu não tinha requebrado, diziam, e era disso que precisavam, todo ano era sempre É o Tchan¹.

Minha mãe adorava e adora fazer figurinos para mim, lembro-me de uma

comemoração de Páscoa na escola, minha mãe fez uns acessórios para combinar com a máscara de alumínio. Aos poucos, chamavam-me para tudo na escola, menos para dançar e fazer contas matemáticas, desfilei inúmeras vezes com a escola, primeira vez, vestida de bailarina, uma roupa emprestada, na qual minha mãe fez apliques de lantejoulas azuis, para a veste não ficar sem graça demais; primeiro, colocaram-me no fundo no fim do desfile, mas parece que a garotinha que não sabia dançar fazia muito bem a coreografia que a professora ensinou com bambolê e foi assim que me colocaram sozinha para abrir o desfile da escola. Diziam que meu sorriso era contagiante, eu tinha 5 anos. O uniforme da escola era amarelo claro, o desenho era a Minnie e o Mickey, desenhos que mais tarde fizeram parte da minha primeira roupa de palhaço em 2004.

Houve um segundo desfile que não foi tão bom assim, mas eu quis ir, minha mãe não queria deixar, mas eu queria muito ir e eu fui, estava um pouco doente, mas nada que compromettesse uma “divina comédia”, eu estava vomitando e fazendo o número 2 sem parar, estava ansiosa para pelo menos parar de vomitar para ir ao desfile.

Figura 1 - Foto do desfile da cidade, 1997, arquivo pessoal, foto tirada por minha mãe Geralda



Fonte: Arquivo pessoal (1998)

¹ É o Tchan: Grupo musical de axé nascido muito popular nos anos 90. Surgiu nos anos 80, com o nome de Gera samba.

Figura 1 - Foto do desfile da cidade, 1997, arquivo pessoal, foto tirada por minha mãe Geralda



Fonte: Arquivo pessoal (1998)

E o pior aconteceu, fui de fralda, mas desfilei, queria muito, sim eu estava muito branca, mas nada que comprometesse meu desempenho, só parecia a filha da Mortiça da família Adams, como veem, não havia como fugir do clown (palhaço). Bela adormecida, Branca de neve foram meus primeiros personagens, o motivo para me escolherem? Eu sabia morrer em cena, desmaiava e ficava quietinha até a entrada do príncipe.

Segui o meu caminho pela estrada afora, reparando que meu cabelo era importante, assim como a criança que decora muitos textos; dessa vez para fazer Soninha do Valadão (escolinha do professor Raimundo). Bem que eu queria ser outro personagem, mas sempre alegavam que eu precisaria ser ela por ter cabelos grandes e ser alguém que decorava textos, como eu não tinha nada a perder, seria até a árvore se fosse preciso, eu fiz a Soninha na escola, em outras escolas, de manhã, de tarde e de noite eu não fiz não (risos).

Figura 2 - Foto da minha formatura no pré de 6, tirada por minha irmã Gislene



Fonte: Arquivo pessoal (1997)

Nesse período, de primeira à quarta série, eu, juntamente com minhas queridas colegas, Poliana e Gabriela escrevíamos paródias sobre todas as datas comemorativas. Ao ser promovida e chegar à quinta série, encontrava-me em um momento que eu não soube me assumir como criança, assim acabei na diretoria sem ter feito as malcriações. Conforme o teatro foi retomando o lugar em minha vida, pude deixar de ir à diretoria e parar de levar culpas em brigas que não eram minhas, para me salvar e mostrar a construção da minha pequena identidade fazendo cenas entre cores e quadros de Tarsila do Amaral, os quais, na época, eu achava estranho: corpos de formatos diferentes e distorcidos em um só quadro.

Mesmo sem muito entender, fui chamada juntamente com a Poliana e Gabriela, minhas colegas de classe no ensino fundamental, para escrevermos e dirigirmos uma cena a respeito da semana de arte moderna e atuarmos também. Eu não me lembro muito bem do texto, mas foi marcante, hoje percebo como as cores tão presentes nos quadros modernos, sem querer, foram parar em nossos figurinos.

Figura 3 - Semana da arte moderna na E.M. Padre Goulart, foto tirada por autor desconhecido



Fonte: Arquivo da escola (2004)

Figura 4 - Semana da arte moderna na E.M. Padre Goulart, tirada por autor



Fonte: Arquivo da escola (2004)

Antes de vasculhar outras cenas que me marcaram, não posso deixar de citar três professores: Rangel Otoni, Lidoní Ferreira Guimarães e Marilene que me instigavam ao fazer teatral, fazendo assim, em quase todos os meus trabalhos entregues a eles, foram acompanhados de cenas abordando o tema pedido. Deixe-me explicar melhor, por exemplo, se eles pedissem: façam um trabalho sobre células, como funciona o aparelho auditivo, então sempre realizávamos a atividade pedida em cenas que organizávamos, com luzes, figurino, sonoplastia e afins, até programa da Adriane Galisteu teve.

Nos quadros do programa, explicávamos, de forma dinâmica e participativa, as células. Para um outro trabalho, também de ciências, usamos o programa show do milhão, com direito a troféu (abacaxi) para os alunos que acertassem todas as perguntas. Nessa mesma disciplina, escrevemos uma cena chamada: A surdez da vovó, que explicava como a vó do

texto adquirira um problema no estribo, (osso do ouvido) e falava também da cirurgia que a mesma fizera para ficar bem; após a apresentação do trabalho, fizemos uma festinha comemorando com a vovó, pois havia voltado a ouvir.

Como já dito, a professora de Geografia e História, em 2004, começou a dirigir nossas cenas; em alguns momentos, ela também trazia propostas de textos a serem encenados, um momento marcante para mim foi a inauguração do laboratório de informática, quando ela escreveu uma cena sobre a máquina de escrever *versus* computador.

Figura 5 - Inauguração do laboratório de informática da E.M Padre Goulart, foto cedida pelo atual diretor da escola: Júlio



Fonte: Arquivo da escola (2005)

Figura 6 - continuação da inauguração do laboratório de informática, foto cedida pelo atual diretor: Júlio



Fonte: Arquivo da escola (2005)

Figura 7 - Continuações da inauguração do laboratório de informática, foto cedida pelo atual diretor: Júlio



Fonte: Arquivo da escola (2005)

No ensino médio, o teatro passou a me auxiliar não só em matemática, mas em química e física também, sim era só assim para passar nestas disciplinas nas quais eu sempre tive dificuldade. Minha mãe até arrumou um professor de exatas particular, mas não teve efeito, alguns diziam: Ela não presta atenção, mas não era isso, na verdade, em alguns minutos, eu deixava de olhar o quadro que eu não escutava e via tudo o que acontecia, hoje vejo o quão bonito é nossa identidade, como cada um aprende de um jeito, exceto, quem está malandrando.

Mas o teatro me animava a não desistir da matemática, eu pensava nos 20 pontos extras das peças e que eles iam me ajudar a passar, pois aprender matemática, eu já havia desistido; mesmo com os pontos extras, quase sempre faltavam dois pontos e eu costumava ir para a recuperação e para a dependência também. O teatro fazia eu tomar mais gosto pela disciplina de história e literatura.

Diferentemente do ensino fundamental, quem nos auxiliava na escrita das cenas o ano todo era a professora de português, Maria Célia, mas também continuamos a escrever sozinhas, Poliana, eu e Gabriela. Um texto de dia das mães escrito pela professora de português me deixou bem animada, não me lembro do nome da cena, mas lembro que éramos anjos, tínhamos vindo à Terra ajudar as mães a cuidar de seus filhos e dar um jeito em seus comportamentos, de nossa varinha saía muito glitter de todas cores e estrelinhas.

Ao olhar dentro de minha casa, víamos um palco, não só no ambiente escolar o teatro

esteve em minha caminhada de vida, mas no lar também. Querendo ter meu próprio dinheiro em 2004, minha mãe deu a seguinte ideia: a de pôr um anúncio no jornal da cidade, constando meu número de celular e me apresentando como palhaça “Coraçãozinho”. Engraçado, que, no nosso anúncio no jornal, escrevemos “palhaça”, mas quando chegamos ao evento as pessoas estranhavam aquela figura feminina, pois a sociedade, por uma convenção, elegeu a figura do palhaço, no masculino, uma referência adotada pelo circo e pela TV. O palhaço, nesses meios, carrega na maquiagem e usa normalmente uma peruca, roupa folgada etc.

Apesar de achar que não combinava comigo aquele estilo, eu usava esse figurino, mas não pude dar muita opinião quando minha mãe fez, pois ela também partiu para criar o figurino com base nas referências anteriores citadas acima. O figurino em questão não contempla a mulher palhaça e eu me achava estranha naquela roupa, mas naquela época ainda não havia um movimento de mulheres palhaças no Brasil. Assim como nos relata Castro (2005) no último capítulo do livro “Elogio à bobagem”, ela relata cada palhaço do Brasil e do mundo e sua trajetória, mas não vemos relatar um histórico de mulheres palhaças, sendo assim Alice escreve como a palhaça tem chegado aos nossos olhos:

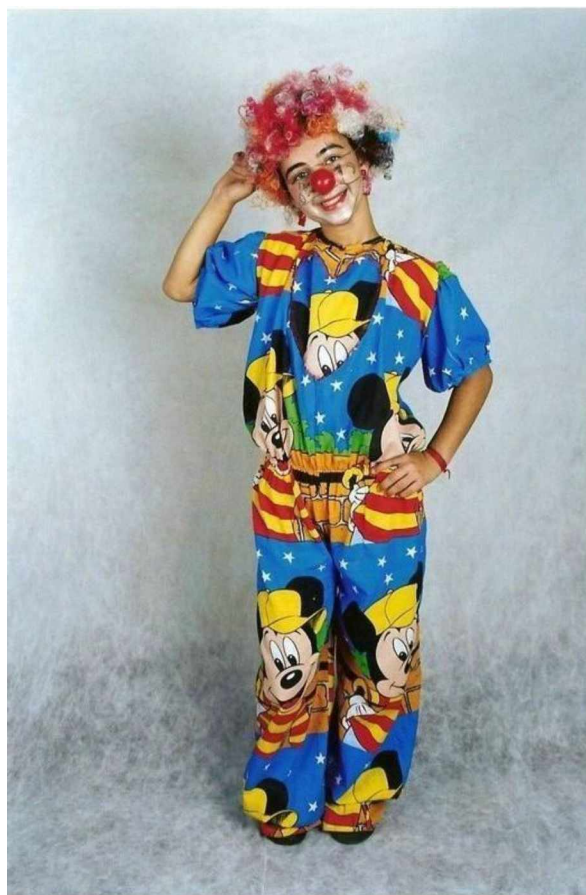
“Ao longo da história a mulher foi relegada a um espaço pequeno e discreto, de onde de tempos em tempos algumas conseguiam sair e projetar-se. Mulher, assim como criança não existia; era um homem a quem faltava algo de fundamental. Se prestarmos atenção, vamos encontrar mulheres cômicas recitando poesias na Grécia antiga, dançando na Índia e mandando ver no circo Romano. As atrizes da Commedia dell arte eram fabulosas cômicas. Mulheres assumindo o nariz vermelho é coisa dos anos 90 do século passado. Acredito que a primeira brasileira a se assumir palhaça foi Angela de Castro. A palhaça é um tipo cômico novo. Algo próprio do século 20 e que parece ter um brilhante futuro no século 21. No Brasil, essa linha começa a se desenvolver com Ana Luísa Cardoso e sua Margarita. Em 1988, depois de um curso com Guillermo Angelelli, em Buenos Aires, Ana retorna ao Brasil querendo desenvolver-se como palhaça. Traz Guillermo para uma oficina no Rio de Janeiro e, a partir daí forma um grupo de mulheres palhaças: As Marias da Graça.” (CASTRO, 2005).

Hoje me lembro que a primeira pessoa que vi vestida de mulher palhaça foi a professora Ana Wuo, em 2014, numa semana de encerramento de curso de teatro e essa palhaça fez uma apresentação de que gostei muito, mas não sabia explicar o que era diferente, mas, agora, após minha iniciação, comecei a perceber que a mulher pode ser palhaça. Mas voltemos para minha narrativa de formação.

Eu também não gostava muito da maquiagem, fazíamos o círculo na boca, riscos nos olhos e sombra; quando fui me pintar de outra forma, meus amigos e minha mãe diziam que não era assim que o palhaço se apresentava. Às vezes, quando ia a escolas, a diretora e os professores pediam para eu colocar balão na minha roupa, pois diziam que só reconheciam palhaços dessa forma. Mas eu não gostava dessa forma de ser palhaço, sempre conseguia

escapar de colocar balões dentro da roupa; outro problema é que as crianças, ao perceberem que havia algo volumoso dentro da roupa, rapidamente vinham estourar.

Figura 8 - Foto feita para a divulgação da palhaça Coração no jornal da cidade, tirada pelo Studio foto rápido de Rio Paranaíba



Fonte: Arquivo pessoal (2004)

Atuando como palhaço, tive bons momentos; hoje, percebo também o quanto passei por duas áreas: a recreação e algumas buscas de lógica do palhaço; então, quando eu ia atrás do lúdico, ao conversar e brincar com as crianças, funcionava; quando ficava com medo de pegarem minha peruca, tirarem meu nariz e saía do campo da imaginação, as coisas não funcionavam. Esse confronto fez com que eu gostasse de atuar com crianças de 3 a 5 anos no máximo, de 6 para frente já me causava medo. Aos poucos, fui trocando ideia com minha mãe e me libertando da temida peruca, tentando também cortar da minha maquiagem a boca redonda, foram 6 meses de “Coraçãozinho” em escolas e festas infantis.

Depois que encerrei minha profissão de adolescente, vesti-me de palhaço apenas algumas vezes. Na escola onde eu fiz o ensino médio (2006 – 2008) e onde minha maquiagem era feita pela minha colega de sala Gêssica Gorry. A última apresentação foi em um desfile crítico, pois questionava influências da cultura norte-americanas presentes nas festas juninas,

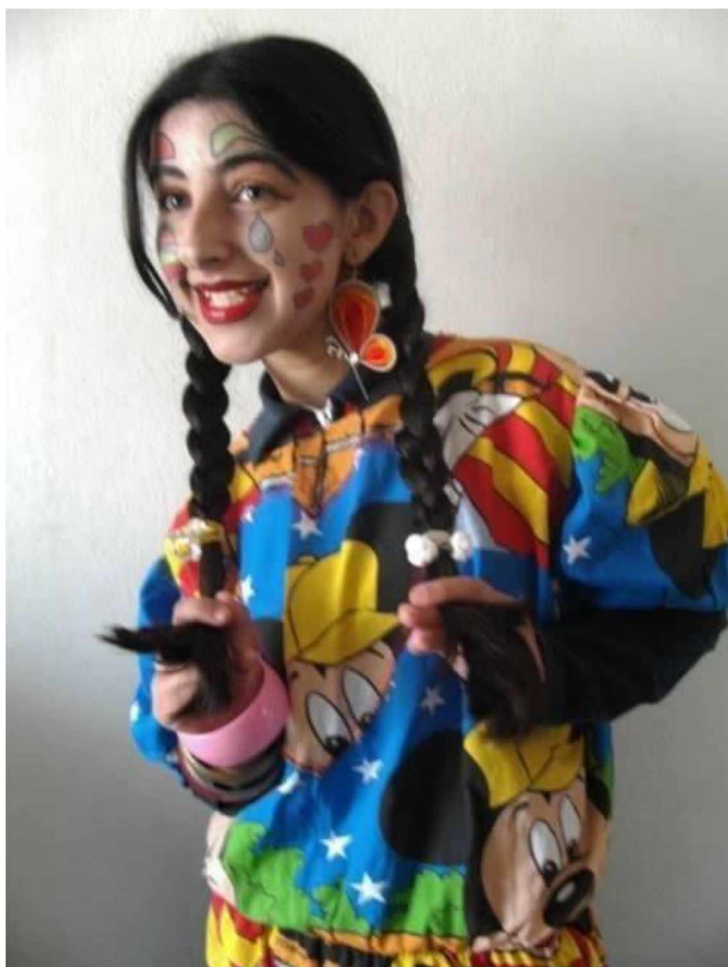
como o *country*, por exemplo, havia competição de quem se vestia melhor nesse estilo. O desfile era realizado pelo professor João das disciplinas de História, Sociologia e Filosofia. Eu me vesti metade palhaço e metade caipira, refletindo sobre esses conteúdos americanos incorporados na festa tradicional junina. Mesmo com essa apresentação crítica, a escola continuou a festa junina como sempre foi.

Figura 9 - Carreata para convidar a população para a festa junina da escola: Dr. Adiron Gonçalves Boaventura, tirada por minha mãe Geralda



Fonte: Arquivo pessoal (2006)

Figura 10 - Carreata para convidar a população para a festa junina da escola: Dr. Adiron Gonçalves Boaventura, tirada por minha mãe Geralda



Fonte: Arquivo pessoal (2006)

Refletindo sobre minha trajetória de vida e percurso dentro do curso de teatro, escolhi como foco da pesquisa o palhaço(a). Minha primeira iniciativa está sendo escrever em tela branca, ou seja, com a mente vazia, sem pensamentos prévios, para quebrar os meus paradigmas com a escrita. Escolho trabalhar com a linguagem do palhaço, por me identificar com ela, e há dois anos estou pesquisando e lendo a respeito.

Inicialmente me interessei por trabalhar com crianças, fazendo com elas uma iniciação ao clown e percebendo como a criança atua, porém percebo, neste momento, que meu interesse tem mudado para outros questionamentos, tais como: Como é a atuação do palhaço em diversos campos de trabalho?

E o meu primeiro local de trabalho foi e está sendo na UFU (Universidade Federal de Uberlândia), o pontapé inicial se concretizou na disciplina de Interpretação 2, com os ensinamentos sobre comédia. No primeiro momento, eu não entendia muito bem como funcionava, mas, aos poucos, jogando em cena, eu começava a entender como se dava o fazer rir.

Lembro-me de lermos a peça *Aululária* (Comédia de panelinha de PLAUTO), da qual reproduzimos algumas cenas em aula, e Ana Wu, professora da disciplina, ia nos revelando o cômico presente nessa peça e mostrando técnicas que geram riso, como a triangulação, na qual o ator olha para o outro, e depois olha para o público, compartilhando os acontecimentos da cena.

Não me esqueço dessa experiência: uma cena feita por mim e minhas colegas de disciplina Kárita e Carol, levamos para a aula um acontecimento do cotidiano, alguém que só queria trocar uma caixa de bombom, mas deveria antes passar por várias filas e protocolos. Antes, eu não percebia, mas vejo hoje o quanto o nosso cotidiano é potente no cômico. Enfim, chegou o momento mais esperado por mim e por muitos outros alunos, começaríamos a iniciação ao clown.

São muitos os momentos relativos a esse processo que foi desenvolvido como pesquisa da tese de doutorado da profa. Ana Wu, denominada “Clown, Rito de iniciação e passagem” (2005), mas quero destacar a reverberação dos principais. Reverberação esta que, desde aqueles tempos, ficou ecoando em mim.

O jogo da dança da cadeira foi um lugar de apreciação do não cotidiano, pois quem não conseguia sentar tinha uma espécie de prenda, como imitar algo incomum, por exemplo, um rinoceronte voando na rodoviária de Madri. O jogo foi crescendo e eu cheguei ao ponto de buscar ser incomum, sendo um humano como qualquer outro, ali eu via o riso e encontrava com mais uma camada de mim.

Outro momento particularmente apaixonante foi a desforma, um lugar preciso de encontro comigo e com o outro, quando o impulso era ser aqui e agora; na hora, eu não entendi muito bem, mas no final do exercício, notei a força do não esperado e a importância da tela branca (ir ao jogo sem pensamentos prévios, apenas vamos sem julgamentos), desforma. Para mim, é uma vibração do sem fim, seu eu no infinito, criança abobada no ser encantado de nós mesmos. E assim começaram os jogos de inverno, ou quero dizer, eu estava mais perto de ser palhaço, ou melhor, a palhaça que a sociedade não me deixava ser, já nem lembrava que eu era palhaça, porém desconectada do meu eu, importante para ir para a palhaçaria, sem o seu próprio não se chega à alma cômica.

Alma esta iniciada por pés caminheiros e viajantes, dignos de diferentes andares e histórias. Fizemos uma roda e cada um andava dentro desse círculo e os demais observavam o andar da pessoa; ao final, esse andar era exagerado conforme o modo da pisada de cada pessoa no chão, uns pisavam com a borda do pé, outros mais com o calcanhar, ali se mostrava algo que também causa riso, o andar. E como na linha de um trem, é chegado ao fim do

passaio e esses pés tocam a cidade, aldeia, abrigo, num sono profundo de memórias e imaginação, rodeado por sua roupa, cheiros, texturas e irmãos em clown ali nascendo.

Fomos levados de olhos fechados a caminhar por um lugar calmo de águas tranquilas, árvores fortes e enraizadas. Chegaríamos logo ao novo planeta, onde Chaves, Gordo e Magro, D.Caixa, Chaplin e todos ancestrais do riso nos esperavam para selar o compromisso de seriedade e o de não levar a vida tão a sério, meus pensamentos tomando formas e palavras, conduzidas por Deus, por uma mestre: Ana Wuo, serena e forte.

Então, nesse momento do exercício, quando a condução da voz da professora. Ana, através da imaginação, ia nos levando a lugares distantes e a fazer o encontro com pessoas que há muito tempo não víamos, pude avistar meu vô, carinhosamente chamado de pai velho; nessa imagem, ele me segurava feliz com carinho, aconchegando-me como vovozinho, trazendo força, alegria suavidade, em plena paz; nesse profundo reavivamento de memórias, eu via cada comediante por mim admirado, e assim foi nascida do ventre cômico a minha palhaça, Florisdente Cavalo Rosa.

Após esse acontecimento em 26 de agosto de 2015, eu fiz a disciplina somente de clown, quando tive a oportunidade de aprofundamento nas questões do palhaço, pois a disciplina durou 5 meses e trabalhamos com o método de Ana Wuo: O clown visitante. Destaco aqui alguns, experimentos marcantes nesse período. Sempre iniciávamos a aula cantando a canção: Ó maninha, do grupo Galpão, sempre nos olhando uns nos olhos dos outros, também em roda, abraçados, fazíamos uma massagem coletiva, nos ombros, costas, pescoço so outro.

Tudo isso criava um vínculo e nos trazia ainda mais para o trabalho, criando em nós cumplicidade. Em vários momentos, era feito o jogo de pintar os espaços com as partes do corpo, trazendo consciência corporal, experimentando várias possibilidades, ampliando a capacidade de foco e olhar.

Eu não poderia me esquecer de um exercício chamado Koshi, no qual temos uma base sustentada pelo quadril encaixado e joelhos semi flexionados. Lembrando que no primeiro período e segundo do curso, realizei esse exercício em outras disciplinas, mas por mais esforço feito por mim, eu não o compreendia no corpo nem na mente. Alguns professores até pensavam que eu fazia corpo mole, então eu me frustrei um pouco e me assustei quando Ana Wuo o retomou em sala de aula.

Aos poucos, fui melhorando e começando a tomar consciência do meu corpo e do estado de precisão e prontidão adquiridos nessa forma oriental e, agora em 2018, retomando esse exercício na disciplina de Improvisação e atuação 1, com o professor Narciso,

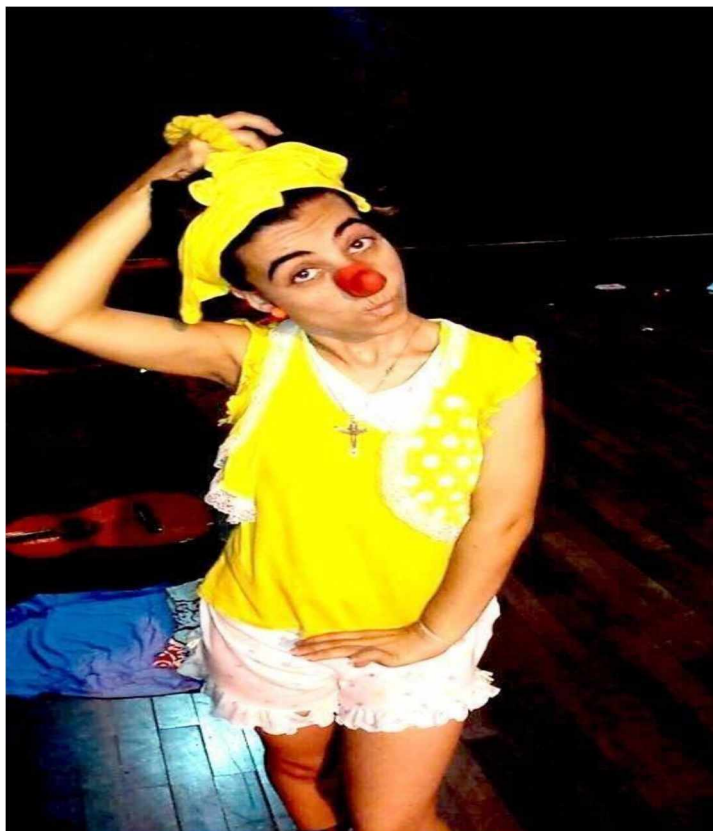
compreendi-o ainda mais.

Sentar e transferir o peso de uma perna para a outra, enraizar o pé todo no chão, sem arrebitar o bumbum e sem pressionar o quadril a frente, arrastando o pé todo no chão exige uma força vetor, foco. Tudo isso nos leva a um estado não cotidiano e preciso, uma qualidade de corpo o qual vive, pulsa e está presente para sua plateia. Outro jogo nos fazia compreender o “olhar com o nariz” e prestar atenção no foco e na direção; havia um exercício de lançamento de bolas imaginárias de diferentes pesos, formas, texturas e tamanhos. Assim, por meio desse processo, aproximava-se um novo nascer da minha palhaça, tive uma nova roda de andares para novamente observar mais aspectos da minha forma e qualidade de andar.

Finalmente, havia chegado o dia da renovação do nascimento clown, pude preparar um local na sala, aconchegante, como se fosse um berço feito com um círculo cheio de balões coloridos, nascia uma nova roupa para a palhaça, um novo nome também, pois se fazia necessário conforme eu fui fazendo outras práticas cômicas nessas aulas de iniciação ao clown.

A forma conduzida por Ana Wuo, foi a mesma da primeira vez realizada em Interpretação 2, porém foi mais intensa devido também essa disciplina ser um tempo maior. Ao fazer o círculo de balões, no momento em que os espalhava, também espalhei variados nomes, mas como sou devota de Nossa Senhora Aparecida, pedi a ela um nome para minha palhaça, o qual coloquei no meu coração, assim surgiu meu nome de agora em diante não mais Florisdente e sim: Pequeno Detalhe. Depois desse dia percebi como aquele nome havia mudado a forma como minha palhaça era vista, então fui me apropriando das mudanças, as quais fui obtendo conforme o processo, mudar as vezes dá medo, mas é o melhor a ser feito. Assim foi transformada a palhaça! Que ali em seus primeiros passos dentro da universidade, começa a dialogar o mundo com o caminhar de uma palhaça, então abrindo as cortinas da UFU bloco 3M encontramos além de Dona caixinha.

Figura 11 - Segunda iniciação ao clown ministrada por Ana Wuo, arquivo pessoal, tirada por desconhecido



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Figura 12 - Segunda iniciação ao clown ministrada por Ana Wuo, arquivo pessoal, tirada por desconhecido



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Para complementar a minha formação, fiz mais duas oficinas de palhaça com Karla Concá e Michelle Silveira da Silva, as oficinas¹ acrescentaram muitos detalhes em minha palhaça.

“Detalhes tão pequenos de nós dois, são coisas muito grandes pra esquecer e a toda hora vão estar presentes, você vai ver” (Detalhes Roberto Carlos). Foi assim que os detalhes foram aparecendo, apesar de Pequeno Detalhe ter nascido sem a roupa do Mickey, ela a usou em sua caminhada. Quando era chegada a era de novas descobertas, ao mergulhar na palhaça na oficina: “Bota a palhaça pra fora” em 2017, ministrada por Karla Concá (Fundadora das Marias da Graça), pude ver o reflexo de minha palhaça e as minhas inquietudes e alegrias. O exercício da cadeira põe a palhaça sentada em frente a professora Karla Concá, quando esta fez uma entrevista e a palhaça respondeu algumas questões de sua vida particular. Nesse momento, foi quando percebi ter parado no tempo. Parecia que voltara aos doze anos de idade, então minha palhaça estava desarmada, aberta, transparente e eu provocava o riso na plateia com as respostas mais inusitadas e atrapalhadas.

Ao final da entrevista, sai dali com os olhos fixos na mãe Caixinha (Ana Wuo que fez a oficina também) a fim de despedir mais tranquila daquela entrevista transformadora, pois assim percebi que a palhaça também soube resolver meus conflitos de vida. Nesse momento, olhei para minha alma, trajetória de vida e busquei resolver esse parafuso solto do meu mundo, expressando-me como mulher palhaça. Vejo também que o alto astral palhacesco, às vezes acima do comum, como torna minha palhaça ainda mais interessante, torna potente muitas coisas presentes em mim como pessoa.

Nesse ano de 2018, percebi que vou me transformar novamente a qualquer momento, e minha palhaça precisava transmutar junto comigo para crescermos juntas. Fazendo uma oficina com Michelle Silveira da Silva, percebi o quanto não estava aproveitando minhas particularidades de identidade, também o quanto levo para cena as problemáticas de uma mulher baixinha, como por exemplo trocar uma lâmpada ou meus dentes tortos servem como elementos potentes para provocar o riso na plateia. Precisava olhar para dentro de mim para que Pequeno Detalhe crescesse ainda mais. Em cada oficina que fazemos, descobrimos coisas muito diferentes que cada professora vai ajudando a revelar.

¹ Participei destas oficinas no MINAS: encontro de mulheres palhaças em Uberlândia. Em sua primeira e segunda edição.

Encontramos a Trajetória na UFU (Universidade Federal De Uberlândia)

Quando vim para a cidade de Uberlândia, o processo realizado por mim como ingressante no curso de Teatro foi: portador de diploma, sendo assim cheguei ao curso no meio do semestre, antes mesmo da minha turma. Portanto, em minha grade, eu tinha disciplinas do segundo período e do quarto, marcou, nesse momento, a disciplina de Interpretação I, na qual era apresentado Stanislavski. A busca pela verdade cênica (ser o personagem e não fingir ser) começava ali minha primeira luta, eu estava amando os exercícios de imaginação. Lembro-me de um exercício muito marcante, no qual, já concentrados, o professor pedia para imaginarmos uma sala com corpos vindos da guerra, sangrentos e empilhados numa prateleira.

Encerrado esse primeiro momento, virávamo-nos a fim de buscar outros lugares na sala, então nos colocavam em outro campo imaginativo onde se realizava uma festa de aniversário. Emocionei-me nesses variados momentos, variava entre alegria e tristeza e sentia essas mudanças em meu corpo, a princípio havia algo a incomodar-me, o professor falava o quanto não via verdade nas ações que ele propunha e nós realizávamos, e era preciso que nós fôssemos, não fingíssemos. Parecia nunca melhorarmos e isso me deixava bem brava, mesmo assim, amando aquela experiência artística, vejo hoje o quanto algumas disciplinas do primeiro período são preparatórias para o momento de Interpretação I, que já vivenciei.

Aquelas salas enormes de Encenação e Interpretação me enchiam os olhos, era um novo “onde” em que eu amava estar, isso me acolhia, pois a chegada numa nova cidade é muito conturbada. Buscar compreender o método de Constantin Stanislavski, naquele momento, foi uma grande conquista, pois anteriormente à minha entrada no Teatro UFU, eu tive meu primeiro contato com esse autor num curso de Teatro ministrado por: Kim Costta e Leandro da cidade de Araguari. As aulas foram em Rio Paranaíba, onde eu morava e depois disso eu tentava entender Stanislavski e buscava nas cenas que eu fazia na escola levar esse prévio conhecimento, mesmo não tão sólido.

Aconteceu no curso de história da UNIPAM (Universidade de Patos de Minas), onde eu fui estudante, o fato que agora vou contar, o qual me fez ficar muito feliz, pois eu não queria fazer esse curso, mas, naquele momento, eu precisava estar lá por condições financeiras. Recordo agora de um trabalho na disciplina: História do Brasil Republicano, cujo tema era falar sobre teatro, e pela primeira vez, eu dizia algo sobre o qual nenhum deles tinham conhecimento. Assim meu pequeno saber parecia gigantesco e isso me alimentou por um bom tempo cursando História, nada melhor que o sentimento de pertencimento. Voltar os olhos para Stanislavski nesse momento me dizia: você ainda não alcançou verdade cênica,

mas, mesmo brava consigo, vai encontrar o caminho, siga em frente. E quanta coisa essa caminhada teatral preparava. Esse primeiro contato na UFU abriu alas para a disciplina de teatro e cultura popular ministrada por Renata Meira Bitencourt, ali estava aberta a convenção em que eu me despia de meus preconceitos para conhecer culturas.

Ali eu vivi um grande encontro com o outro, pela vibração de músicas, mãos entrelaçadas a encontrarem-se comigo, com o outro e os outros tantos. A sociedade e a vivência familiar nos trazem vários conceitos bons e outros dignos de questionamentos, até então “sarava” para mim era uma palavra de ordem má, adentrando o espaço conhecendo aquela palavra como uma saudação de boas-vindas e assim iniciar um respeito ao próximo e à sua religião, às suas tradições.

Conhecer a dança popular do jongo, foi para mim uma experiência muito boa na qual eu revivia minha família, minhas questões, dançando e me abrindo ao mundo. Universo esse que se mostrava cada vez mais profundo e capaz de mostrar minha prontidão que eu não percebia ter. Em improvisação 1, com o professor Eduardo de Paula e improvisação 2, ministrada por Narciso Telles., pude experimentar variadas entradas de cena sem perceber a primeiro momento ser isso. Ali pude notar o quanto estar com a mente livre de julgamento, sem pensamentos prévios e ir à ação como um momento precioso de liberdade e criação cênica é aprendido, coletamos repertório para ir a cenas, as quais com a repetição vamos gerando algo com organicidade.

Em Interpretação 2, com a professora Ana Wuo, vi como fatores básicos de: atenção, repetição, cotidiano podem ser disparadores para criação de uma boa cena, capaz de surgir até mesmo sem a oralidade. Percebe-se como tudo pode ser aproveitado, também pode ser potente, entrar em cena para esperar alguém e cada pessoa entra na improvisação com pensamentos diferentes, vai se encaixando uma história a princípio impensável de acontecer.

E, lógico, foram momentos de liberdade ao corpo, de descobrir seus ossos, suas dores, melhorar a condição física do seu corpo e mente. Só para constar, Interpretação 2 e Iniciação ao clown foram, sem dúvidas, uma série de desbravamentos corporais nos quais, enfim, pude destravar minha crise em não conseguir realizar o Koshi. Perceber os limites do meu corpo e não me frustrar com a demora em aprender em determinadas situações, foram, sem dúvida, brincar com o vazio e o cômico, o qual, por muitas vezes, repetindo a ação, ia ganhando uma potência, assim enchendo meu vaso de flores, e foi isso o que aconteceu, saí dessas duas disciplinas extremamente florida, dos pés à cabeça e até mesmo dentro dos meus olhos.

Cada passo percorrido era uma aproximação de algo maior, sempre achei ser algo muito técnico, complexo, mas na realidade tudo não passa de sentir e estar aqui e agora! Mas quando cheguei à disciplina de Interpretação 3, estava um tanto ansiosa, pois eu parecia ter perdido a capacidade de decorar texto. Talvez me sentisse assim, porque em outra disciplina, era preciso decorar de uma forma que eu não gosto de fazer, escrever várias vezes em um caderno, eu estava travada e não sabia como informar isso a professora Dirce. Naquele semestre trabalharíamos com a peça *Terror e Miséria no Terceiro Reich*, falaríamos sobre nazismo e o medo bate à porta novamente, se fui tão mal quando cursei história e não entendi esse contexto histórico, como entenderia isso nesse momento? Medo, mas tomada por muita vontade de fazer e, cheia de curiosidade, embarquei nessa aventura.

Terror e Miséria no Terceiro Reich foi a peça escolhida para o trabalho, pela professora Dirce Helena de Carvalho Benevides, podíamos escolher qual cena tínhamos vontade de fazer, isso foi ótimo, escolhi a cena: O caixão/ Os sapatos pretos. Iniciamos os trabalhos levando pesquisas a respeito do nazismo para a aula, compartilhávamos uns com os outros essas buscas, comprei algumas revistas sobre o assunto, vimos documentários.

Conforme fomos estudando tudo isso, também liamos e buscávamos entender a peça de Bertold Brecht. Conteí a Dirce sobre meus problemas em decorar o texto, mas ela não fez pressão e em menos tempo que pensei o texto já estava orgânico, conforme íamos nos apropriando das cenas, eu conseguia entender o nazismo, quando dei por mim a experiência pulsante no corpo chegava à minha mente. Percebo como o corpo aprende, e como existem várias formas de aprender, o teatro é a minha forma no mundo de entender as coisas.

Fomos atravessados nesse percurso por várias imagens, levadas pelos colegas as quais nos questionavam sobre o contexto trabalhado. Para começar a destrinchar o espetáculo, pegávamos cada cena e jogávamos como vários quadros de imagem, até chegar em algo potente. Muitas músicas foram usadas durante esse percurso e algumas delas permaneceram no trabalho, traziam elas a nós um vínculo ainda maior, passando-as por nossos ouvidos, corpo e mente, fazendo-me, ainda mais, entender o nazismo e sendo disparadoras para as cenas. Destaco aqui duas dessas canções: *Misererê Alemão* e *Canção do Rio Moudal*².

² Canção do rio moudal e Misererê Alemão: Texto de Bertold Brecht musicado, do CD canções revolucionárias.

Figura 13 - Exercício cênico: Terror e miséria no terceiro reich, arquivo do IARTE, autor desconhecido



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Dando um salto para frente, vou de agarrando as cores. Ah! Cores, tecidos no alto de um teto, ansiedade a flor da pele, vontade contagiante sobre textura azul, amarela e vermelha, assim vinha ao meu encontro a disciplina de tecido, ministrada pela professora Diana Magalhães. Todas as aulas ver aqueles tecidos e uma vontade de conseguir subir neles, mas encontrei ali forças ainda maiores, as quais jamais imaginei em mim. Era trabalhada, a memória, como mover de nossas ações sobre o tecido, todas as aulas contávamos um pouco de nós, algo marcante na semana, primeiramente nosso contato com o tecido foi estabelecer um jogo de dançar com ele e buscar possibilidades, sem a princípio pensar em como seria subir nele.

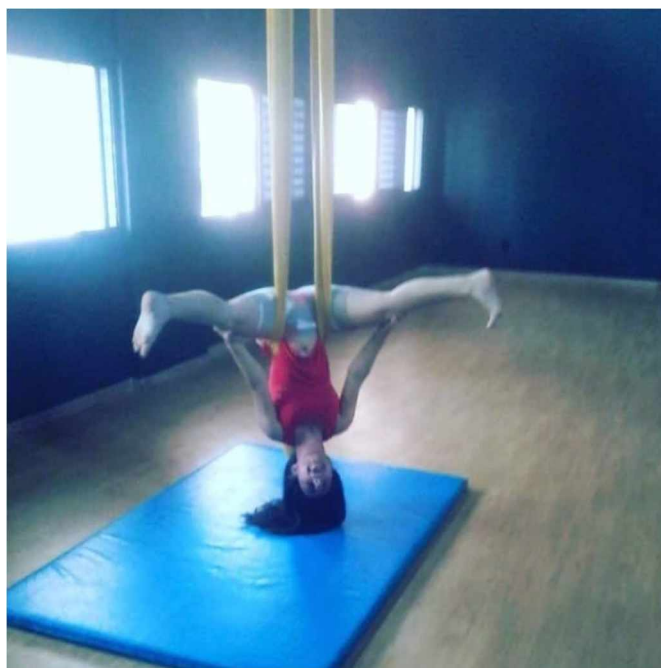
Diana, aos poucos, revelava-nos algumas técnicas para subir no tecido, fazer manobras com ele em arco pendurado, tudo isso com uma grande paciência, lembro-me de, sem querer, acabar acertando um pé nela, era contagiante a vontade com que ela tinha de nos ensinar acalmando todo o processo. Aos poucos, aprendi as acrobacias no arco, porém eu não conseguia subir no tecido e, sem pressa, ela foi me mostrando outras qualidades em meu trabalho e me dizia: “Em algum momento você irá conseguir”, até mesmo quando com muito medo eu não conseguia ficar de cabeça para baixo no tecido.

Por entre as luzes da manhã, escolhi o tecido amarelo da cor do sol, para um momento

a sós, eu não sabia como seria. Diana pediu para nos deitarmos no chão, braços ao longo do corpo, uma música instrumental suave vinha ao longe, começa ali um ato de imaginar, aos poucos, meu avô “pai véio” (Falávamos dessa forma coloquial) vinha se aproximando, fazendo uma ciranda comigo e uma canção, eu lembrei, canção com cheiro de aniversário, de vô, vó, café, fofalha, fogo, amor. Abri meus olhos e as lágrimas já faziam sinfonia escorrendo no meu rosto a mais linda música de saudade.

Então recebemos a orientação para devagar ir abrindo os olhos, levantando-se e, quando quiséssemos, subiríamos no tecido para inspirados pela lembrança realizar algumas das acrobacias, cantando uma música que fizesse sentido para nós. Se não me engano, fui a terceira, subi no tecido, realizei as manobras confortáveis e movida por meu vô, eu virei de cabeça para baixo e eu não conseguia acreditar, mas movida por alguém, eu pude sentir a sensação de um novo, uma libertação. Lembro-me também de um exercício no qual tínhamos uma base e, em dupla, com pessoa mais ou menos da mesma estatura minha, íamos tentando escalar no colega, procurando posições onde pudéssemos nos firmar e ficar em pé, sustentando um ao outro, isso nos provocava um vínculo e testávamos nossa capacidade de se arriscar e confiar no outro, foi legal ver como era possível o equilíbrio mesmo conseguindo por pouquíssimos segundos.

Figura 14 – Aula da disciplina de tecido ministrada pela professora: Diana Magalhães, foto tirada por Alessandro Cardoso, arquivo pessoal



Fonte: Arquivo pessoal (2016)

E sim eu não poderia deixar de fora a disciplina de Melodrama, ministrada pela professora Maria de Maria, na qual pude exercitar o campo da improvisação, e sentir o aqui e agora novamente como grande potência cênica, poder estar em outro país, num local com outro clima, figurinos sempre adequados à estação do ano em que pretendíamos estar. Nesse lugar, onde pude observar a verdade cênica com outras possibilidades, senti um extremo do amor e do ódio, tive a percepção de como toda a situação muda conforme eu amplio o meu movimento, ou foco meu olhar em determinada direção e profundidade.

Figura 11 - Arquivo pessoal, aula da disciplina de melodrama, ministrada por: Maria de Maria, foto tirada por desconhecido



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

Figura 16 - Arquivo pessoal, aula da disciplina de melodrama, ministrada por: Maria de Maria, foto tirada por desconhecido



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

O estágio 3 da licenciatura, com a professora Marienne Perobelli, foi uma porta no mergulho de mim, pude compreender o ofício de professor, ator, artista, interroguei-me em um semestre inteiro. Fui levada às profundas raízes da minha vida, questionei-me, quero fazer mestrado apenas para ter um status? Quero ser professor apenas por ter medo da minha carreira artística não ser estável? Eu me desequilibrei para me equilibrar. Pensei, sim estamos em um circo, com uma palhaça equilibrista e me reconheço no teatro por pertencimento, encontrei-me aqui nesse espaço.

Eu precisava e, ainda estou em exercício, de me colocar no mundo, nenhum professor estará pronto caso não saiba dar liberdade e limite aos seus alunos com equilíbrio, é preciso ter firmeza e, talvez, não seja isso que a sociedade tenha me dito. Percebi o quanto as meditações ativas que propõem: silenciar para acalmar a mente, colocaram-me a pensar sobre o quanto uma cabeça cheia demais de pensamentos de um mundo acelerado pode perturbar as verdadeiras vontades e o que precisamos fazer em determinado lugar pode não se concluir.

Quando me formei em história no ano de 2012, cheguei para uma dar aula em uma escola, mas eu estava despreparada. Algumas disciplinas do curso de história que eu não conseguia aprender, eu decorava livros na tentativa de fazer provas, e é isso que as escolas têm formado, pessoas condicionadas a decorar. Então, quando entram na faculdade, não têm capacidade de reflexão, fui humilhada por não saber fazer um plano de ensino, por nunca ter encarado uma sala de aula direito e por não conseguir expor minha vontade no mundo.

Essa concepção errônea que vivi mudou muito para mim no curso de Teatro, quando entrei no COMUFU (Teatro oferecido a comunidade pela UFU), no qual, juntamente com minha colega Camila Diniz, fui professora de crianças de 3-6 anos, pude exercer um fazer teatral e aprender a realizar isso. Algumas mães ainda questionavam se os filhos iam decorar algo para apresentar e realmente não é fácil explicar que não, que não se aprende decorando, mas que se aprende jogando e brincando, pois isso tudo é teatro. Teatro não se decora, improvisa-se.

Aos poucos, as mães foram confiando em nós. Nesta disciplina, percebi também que, embora com muitos problemas de escrita, eu sei escrever, mas é do meu jeito, pois eu sou um ser único. Esse TCC, para mim, é uma forma de passar tudo isso a limpo, é um empoderamento muito grande e um lugar onde eu me encontro enquanto artista, faço as pazes com o passado, para levar o teatro a sério, se a sociedade não defende sua profissão, você está aí para fazê-lo. Mariene Perobelli, que representou meu desequilíbrio total, no início da disciplina fazíamos tudo o que era pedido e não conseguíamos dar as aulas para crianças, parecia faltar conteúdo artístico para melhor planejar as aulas para aquela idade, mas não

desistimos, foi quando Mariene viu o acontecido e sabiamente foi nos ensinando como funcionam crianças tão pequenas de 3 anos e nos passou conteúdos teóricos que nos auxiliariam a chegarmos ao entendimento, depois de muito ficar com raiva dela, compreendi e comecei a entender o necessário.

Foi aí que aprendi, não há aprendizado sem queda, sem busca. Na perspectiva da árvore, que é: manter-se forte, alimentar-se com a terra e passar pelas dificuldades, somente depois ela produzirá frutos. Percebi o quanto Nossa Senhora Aparecida se faz presente comigo, sou uma devota dessa santinha e minhas visualizações dessa imagem sempre me aparecem e me acalmam, ajudam a silenciar-me, pois para aprender, preciso silenciar, para que eu seja capaz de realizar os projetos na vida.

Aprendi o quanto com criança não se tem tempo para pensar, o jogo dramático está ali a todo momento e você tem segundos para se organizar, também vejo o quanto a escuta precisa estar aberta. E por fim, aprendi observando o processo, aprendi junto com pessoas que também têm dificuldade e as vendo também crescer. Desse modo, a equilibrista vai se despedindo, antes que fique a noite toda falando dessa experiência e chegue a desequilibrar e cair, mas isso será bom, pois ela ama ser uma palhaça.

Para dar continuidade a reflexão sobre a palhaçaria, adentramos mais adiante a contextualização sobre o palhaço na história, sua origem, com um breve panorama sobre o assunto, como detalhes que nos aproximam da compreensão da experiência de estudo do TCC.

2. PRIMEIRO DETALHE – O QUE É O PALHAÇO?

Dentro das abordagens investigativas realizadas para esse TCC, estudei os autores clássicos como Fellini, Bergson, Castro, Massetti, Lecoq, Wuo dentre outros, que desenvolvem ou desenvolveram temática sobre o palhaço no contexto social e histórico, promovendo um estudo que leva à compreensão da etimologia da palavra palhaço, sua origem, suas transformações no decorrer do tempo, procurando refletir quem é essa figura e relacionar esse conhecimento teórico as experiências por mim vivenciadas.

Verifiquei, estudando o assunto, que o palhaço é uma figura mais antiga do que se pensa e que ele é um ser mutante, muda de acordo com a sociedade em que está inserido, nesse caso a sua atuação é importante para toda essa construção e transformação social e artística.

Segundo Wuo (2011), a palavra clown (pronuncia-se “cláun”) apareceu no século XVI. Esse vocábulo remete-nos a colocuns e clod, significando um fazendeiro ou rústico, torpe. De qualquer maneira, o clown foi sempre campesino (TOWSEN, 1976, apud Wuo 2016). Outra origem é na língua celta, designando originalmente um fazendeiro, um campônio, visto pelas pessoas da cidade como um indivíduo desajeitado e engraçado, indicando, num outro momento, aquele que, com artificiosa torpeza, faz o público rir.

Em sua aplicação geral, clown é um ser cômico que se apresenta e se comporta de maneira estúpida ou excêntrica; em particular, alguém que se especializa em comédia física. Clown se traduz por palhaço, mas as duas palavras têm origens diferentes. Palhaço vem do italiano e se relaciona, geralmente, ao espaço público, à feira e à praça; já o clown refere-se ao palco e ao circo (FELLINI, 1985 apud Wuo 2016). Mas, na linguagem do espetáculo, as duas palavras confluem em essências cômicas. Para a autora citada, existe um estudioso do clown denominado Towsen não existe clown, existem clowns, já que as essências cômicas são múltiplas, variadas e flexíveis (in WUO, 2005, p.10).

Os palhaços representam os erros que a sociedade esconde e são pluralmente humanos, é um ser que transmuta a falta em riso, ele possui uma lógica diferenciadamente ingênua, cheia de fantasias; assim como a criança, seu temperamento muda facilmente da tristeza ao riso, da raiva à alegria. A palavra clown vem da palavra inglesa clod, significa matuto, rústico, fazendeiro. Já palhaço vem do italiano (paglia), em português palha. Pensando no palhaço como esse ser excêntrico, portador das ações cotidianas que para nós são gafes, percebo como Castro (2005) vê, no cotidiano, no modo como somos, em erros e acertos, as condições perfeitas para o cômico se abrigar:

Imagino que o primeiro palhaço surgiu numa noite qualquer em uma indefinida

caverna enquanto nossos antepassados terminavam um lauto banquete junto ao fogo. Em volta da fogueira, numa roda de companheiros, jogavam conversa fora. Comentavam a caçada que agora era jantar e falavam das artimanhas usadas, dos truques e da valentia de cada um. É quando um deles começa a imitar os amigos e exagera na atitude do valentão que se faz grande, temerário e risível na sua ânsia de sobrepujar a todos. E logo passa a representar as momices do covarde, seus cuidados para se esquivar do combate, sempre exagerando os gestos, abusando das caretas, apontando tão absurdamente as intenções por trás de cada ação e o ridículo delas que o riso se instala naquela assembleia de trogloditas. E todos descobrem o prazer de rir entre companheiros, de rir de si mesmo ao rir dos outros... Castro 2005]

Para Castro (2005), “o palhaço é uma figura cômica por excelência. Ele é a mais enlouquecida expressão da comicidade: é tragicamente cômico. Tudo que é alucinante, violento, excêntrico e absurdo é próprio do palhaço. Ele não tem nenhum compromisso com qualquer aparência de realidade. O palhaço é a comicidade pura”. E é por isso que quando aparece minha imagem, pequeno detalhe, feminina, causa estranhamento, pois é algo a princípio fora do padrão (segundo a sociedade atual), mas que está construindo seu lugar na sociedade. O palhaço não é aparência, ele apenas é a própria pessoa se revelando ao mundo através de uma máscara. É nas cenas do dia a dia que encontramos essa figura, nos seus erros e acertos, em suas memórias nos seus mais blindados segredos.

Cada palhaço possui sua própria originalidade por isso como já citado por mim nesse trabalho, não se faz uma sua maquiagem por ver outro palhaço, mas sim se maquia e se veste conforme sua vontade e percepções sobre as características do seu rosto, segundo Castro (2005) “não importa se sua cabeleira é vermelha e os sapatos enormes ou se, ao contrário, ele veste um sóbrio terno e está sem nenhuma maquiagem. Identificamos, um palhaço não apenas pela forma, mas principalmente pela sua capacidade de nos colocar, como espectadores, num estado de suspensão e tensão que, em segundos sabemos de antemão, vai explodir em risos”. Existem vários nomes que denominam o palhaço, augusto e branco é um deles, augusto sempre ganha uma disputa cômica, é a figura para quem tudo dá certo, já o branco sempre perde, está sempre caindo em alguma cilada.

Existe também o contra augusto que é a mistura dos dois, branco e augusto, essa figura ora perde na brincadeira, outra hora ganha, e está cheio de glória. Segundo Castro (2005), “uma das grandes dificuldades que a maioria dos autores encontra, ao estudar a origem dos palhaços, está na profusão de nomes que essa figura assume em cada momento e lugar. Clown, grotesco, truão, bobo, excêntrico, Tony, augusto, jogral são apenas alguns nomes mais comuns que usamos para nos referir a essa figura louca, capaz de provocar gargalhadas ao primeiro olhar”. Palhaço é um nome de origem italiana, em cada lugar irá variar o nome dessa figura, sabemos que se trata de alguém que surgiu em um momento ainda não

descoberto pelos pesquisadores, sabe-se o quanto ele fazia rir e teve variados nomes e estilos dependendo das exigências de cada época. Pensando em tempos passados, é bem provável que nosso primeiro palhaço tenha vindo da pré-história quando, além de caçar para se alimentar e buscar sobrevivência, teria sim momentos de descontração e certamente a figura cômica já tivesse nascido nesse momento da história.

Dessa forma, buscando um panorama geral, encontramos os palhaços em vários ambientes, do mesmo modo, percebo que minha palhaça tem ido a diferentes lugares. Podemos encontrá-los nas folias de reis, nas congadas, no carnaval, nas festas infantis, em diversos ambientes ritualísticos, apenas mudando sua forma de vestir ou falar, pintar-se, mas trazendo a mesma essência, o ato de fazer rir.

E nós, seres humanos, somos capazes de sorrir, o palhaço é mestre em ser bobo e, nessa capacidade, residem as coisas sem importância e até as importantes, mas de forma tola, talvez ele vá fazer algo extraordinário, mas, no fim, nada acontece do que ele se propusera a fazer. Segundo Castro (2005), “Esse nosso personagem imaginário sobreviveu a todas as catástrofes naturais, inclusive as construídas pelos homens. Esteve presente nas batalhas, nas festas e nos rituais sagrados, sempre cumprindo seu papel: provocar riso”. O palhaço se aproxima das coisas que não queremos mais, mas que, para o riso, serão muito bem utilizadas, um corpo capaz de comunicar com todas as partes, dos pés à cabeça, dos cotovelos, as orelhas, da língua a unha do pé.

Como reafirma Wu (2011), ser um clown significa brincar, aceitar e exorcizar a exposição pública do risível como atributo comicizado da corporalidade e da linguagem. O campo da comicidade e do risível propicia a uma pessoa os mais dolorosos, deliciosos e prazerosos acessos à inadequação do ser humano perante a vida sendo o processo clownesco. Tem alguma coisa estranha aqui, se dá pela abertura do ser frente às possibilidades de brincar com a vida de forma livre e séria, transformamos nosso solo infértil.

Fellini afirma:

O clown representa uma situação de desnível, de inadequação do homem frente à vida. Através dele exorcizamos a nossa impotência, as nossas contradições e principalmente a luta ridícula e desproporcionada contra os fantasmas de nosso egoísmo, de nossa vaidade e da nossa ilusão. (FELLINI, 1985, p.)

Clown não é uma coisa só, é uma mistura de infinitos, de sentimentos explícitos e contidos, um ato constante de viver, é um estar com o outro de variadas maneiras, ver com os próprios olhos o que o mundo tem a oferecer, e o que temos a oferecer ao mundo, é presenciar momentos singelos, que só serão compartilhados com o próprio ator-palhaço

porque os momentos são únicos, nunca iguais. Segundo Lecoq (apud WUO, 2011), o clown não existe à parte da atuação do próprio ator. Nós somos todos clowns, nós pensamos que somos bonitos, inteligentes e fortes, entretanto nós todos temos nossas fragilidades ou nosso lado ridículo, que pode fazer as pessoas rirem quando somos capazes de expressar isso mesmo, como forma de liberdade.

Buscando compreender mais sobre o assunto que relaciona o palhaço ao riso, logo a seguir farei uma breve abordagem desse tema e sua relação com o palhaço na sociedade, na qual tentarei entender como o riso é construído a partir de nossa vida cotidiana e como ele proporciona encontros com o espectador, revelando variadas camadas de experiência na atuação como palhaço ou palhaça.

3. SEGUNDO DETALHE: O QUE É O RISO?

Conta a lenda que Deméter, a deusa da fertilidade, teve uma filha, a quem ela amava muito, que se chamava Perséfone. Hades, deus do reino dos infernos, raptou a menina. A deusa saiu à busca, mas não conseguiu encontrá-la, fechou-se em sua própria dor e parou de rir. Devido à dor da deusa da fecundidade, interrompeu-se na terra o crescimento das ervas e cereais. A serva Jamba, então, fez um gesto obsceno e isso fez com que a deusa risse. Com o riso da deusa, a natureza voltou a viver e sobre a terra retornou a primavera (PROPP, 1992).

“Um homem vale pelo que sofreu e esqueceu (DRUMMOND.C, apud ana 2012)”, e assim o riso faz renascer sobre a terra a natureza humana por meio das espalhafatosas bobagens do nariz vermelho de uma palhaça que sonhava ser filha do Einstein. Em uma silhueta de espantalho ecoava a frase surda de Drummond: um homem vale a pena pelo que sofreu e esqueceu., um homem esquece quando volta a rir (WUO, 2012, página 2).

Para o ato de rir acontecer é preciso ser quem você é sem esconder-se, também para o riso aparecer é preciso de outras pessoas vendo uma ação, rimos dos desastres do outro, ou de um corpo e voz diferentes dos nossos, daquilo que não estamos acostumado a ver, ou do que seja padrão imposto numa sociedade. O riso também acontece de forma que, quanto mais uma plateia se encontra bem perto, um riso acaba por trazer outro, se um ator está em cena com outro ator e eles se olham e depois olham para a plateia compartilhando a cena, isso é um modo cômico chamado: triangulação. As possibilidades do papel social do palhaço são imensas; a fim de provocar o riso, ao longo de seu processo, o palhaço faz escolhas de repertório, maquiagem, figurino, gagues, é um mundo mágico recheado de possibilidades, rir é um ato social, ultrapassa camadas do ser humana jamais vistas. E segundo (BERGSON, 1983) o maior inimigo do riso é a emoção. Isso não significa negar, por exemplo, que não se possa rir de alguém que nos inspire piedade, ou mesmo afeição.

É necessário, então, condicionar-se ao aqui e agora e suas condições de problemas e

alegrias, o riso precisa de nossa experiência cotidiana, na mudança sofrida ao fazer uma ação onde se atrapalha. Para rir, é preciso encarar sua identidade tal como ela é, não é representar, mas ser quem se é verdadeiramente, é permitir-se pensar em novas formas. O riso é o contato da plateia do nosso eu com o eu desse público em um mesmo tempo e espaço.

“para compreender o riso, impõe-se colocá-lo no seu ambiente natural, que é a sociedade; impõe-se sobre tudo determinar-lhe a função útil, que é uma função social. Quando certo efeito cômico derivar de certa causa, quanto mais natural a julgarmos tanto maior nos parecerá o efeito cômico. Rimos já do desvio que se nos apresenta como simples fato”. (BERGSON, 1983, página 20)

Portanto percebemos que, quanto maior se parecer com a gente ou quanto mais se distanciar de quem somos, tanto maior será a concentração do riso, o fato de a pessoa estar em determinado local de nosso costume ou de ser uma discrepância do que se conhece levará também a ele, enfim, o riso pode advir de coisas inusitadas que jamais faríamos em público ou não.

Segundo Bergson (1983):

“O riso não advém da estética pura, dado que tem por fim (inconsciente e mesmo imoralmente em muitos casos) um objetivo útil de aprimoramento geral. Resta, no entanto, alguma coisa de estético, pois o cômico surge no momento preciso no qual a sociedade e a pessoa, isentas da preocupação com sua conservação, começam a tratar-se como obras de arte”. (BERGSON, 1983, página 32)

Se rimos, estamos preparados para nos aceitar e revelar quem somos diante da sociedade, além disso, também compreendemos e aceitamos essa sociedade com suas peculiaridades, vantagens e desvantagens.

“A principal função do riso é nos deslocar diante da nossa mais pura essência: somos animais. Nem deuses nem semi- deuses, meras bestas tontas que comem, bebem, amam, e lutam desesperadamente para sobreviver. A consciência disso é que nos faz únicos seres humanos”. (CASTRO, 2005, página 1)

É preciso ser uma pessoa para se dar o ato risível. Como tudo o que não tem importância é repertório para o palhaço, a condição humana ali se apresenta, além disso, o riso é muito bom e afeta nosso cérebro, trazendo outras possibilidades de descanso e converte a dor em algo potente. Assim, aliviando tensões e abrindo espaços permitindo o ato de equilibrar-se enquanto ser vivo, o riso pressupõe uma relação de cumplicidade e conhecimento de inúmeras e sutis informações prévias. É possível rir em qualquer lugar: num velório, num batizado, dentro da cela de uma prisão.

“Mas o riso só se instala quando faz sentido para o grupo. O riso é sempre o resultado

de complexas associações e conexões cerebrais, mesmo quando rimos de uma simples careta. Se rimos de alguém com a cara propositalmente deformada é porque nosso cérebro é capaz de compará-la a um rosto harmonioso e podemos compreender e imaginar os movimentos necessários para chegar aquela deformação. Ela pode nos lembrar um animal ou alguém que conhecemos, ou pode ainda estar nos deliciando com a capacidade de transformação facial do outro” (Viveiros Alice, 2005).

4. TERCEIRO DETALHE NEM TÃO DETALHE ASSIM: A EXPERIÊNCIA DA PALHAÇA EM CONTEXTOS DIFERENCIADOS DE ATUAÇÃO

4.1. Melhores momentos

A cena apresentada “Fazendo Sumiço” foi experimentada nos espaços que descreverei adiante, escolhi alguns encontros por serem mais significativos e terem relevância para esse estudo, já que retratam os melhores momentos como assim pretendo chamar, embora tenha escrito um material mais extenso.

A dramaturgia de fazendo sumiço consiste em: primeiramente, entra a palhaça de costas para o público, balançando uma varinha mágica, ao som da música alegria do Cirque du Soleil, vou então como palhaça, vestindo o casaco mágico e o chapéu mágico, na sonoridade, logo que vem a palavra alegria, no início da canção, viro-me para a plateia. Dublo um pouco a música, depois me apresento dizendo que ali acontecerá um show de mágica nunca visto. A magia de número um será fazer sumir uma bala e, em seguida, ponho a bala na boca e ela fica pendurada na minha boca durante a apresentação e de hora em hora pergunto onde está minha bala; Em seguida, vem a mágica das cartas, transformar as verdes em laranja e as laranja em verde, esse truque trouxe emprestado do livro de Mágica do meu sobrinho.

Por fim, o truque do teletransporte em que, como palhaça, pego o celular de alguém da plateia e peço a pessoa para fechar os olhos, então coloco o aparelho dentro de um carrinho e venho puxando até a pessoa, aí falo para a mesma abrir seus olhos e ver a magia. Por fim, acontece a desaparebilidade total onde me cubro com um grande tecido e a palhaça com todos os seus objetos de cena somem. Pensando na criação de uma cena e suas ramificações e modificações ao longo das experiências, concluímos com Fernando Lira: “Um ator de comédia não tem a mínima certeza de que sua criação obterá da plateia a recepção desejada antes da encenação”.

Segundo Lira (2013), a única garantia que o autor da cena possui “é que a sua própria concepção e experiência seja risível, baseada exclusivamente em observações e sentimentos empíricos”. A cena “Fazendo sumiço” transformou-se a cada apresentação de acordo com os palhaços ou a plateia que jogava comigo. A cena estava aberta ao inusitado, assim como Lira

(2013, p. 25) nos elucida : “Cabe ao artista não mais se fechar em fórmulas, porém, antes de tudo, escolher caminhos possíveis que permitam atingir os efeitos desejados, segundo o autor um dos caminhos desejados , é a desordem.”

Como diz Lira (2013, p.26), “na inversão do mundo risível, o riso renova uma experiência de emoções que a realidade séria não dá conta”. Assim, minha trajetória de pesquisa fazendo o uso da cena Fazendo Sumiço em diversos ambientes de trabalho, está no espaço do risco, inesperado, que é bom para o mundo do riso, como conclui Lira (2013, p. 26):” A experiência proporciona diferentes caminhos uma vez cada uma é única e importante para todo processo, a cada novo experimento novas particularidades se revelam.”

Nesse caminho de experimento, pintei alguns quadros para registro de minhas memórias. Aprendi então toda essa aventura de jogar, dramatizar, afetar-se e amar, bem-vindo aos detalhes da caminhada desta palhaça que poematiza um estado risível da alma que não experimentará de novo.

Segundo Bergson:

“O poeta canta um estado de alma que foi o seu, e o seu somente, e que jamais experimentará de novo. O que o dramaturgo põe diante de nossos olhos é o envolver de uma alma, um tecido vivo de sentimentos e fatos, algo que ocorreu uma vez para jamais se reproduzir” (. BERGSON 1983 p.71.).

4.2. Escola 1: sobre um estágio que surpreende e possibilita

Diante de uma experiência tão rica e singela, com seus erros e acertos, se fazia necessário deixar um presente nosso para os alunos como finalização do estágio 2. Assim, resolvemos colocar nossos clowns para trabalharem, um pouco com ansiedade se iria dar certo, com medo da agitação de sempre da última turma que possui uma regente muito brava, mas fomos.

Eu e Lorena fomos nos vestir e maquiar e uma das meninas da turma do Daniel Santos Costa (Professor de dança na ESEBA: Escola de educação básica da UFU), em que fazíamos estágio 2 da licenciatura, nos viu, então, olhamo-nos, rimos e ela disse: “Tia estagiária, fique tranquila vou manter segredo. E assim fomos aquecendo, íamos fazer alguns jogos de repertório e minha cena: Fazendo sumiço.

Na primeira turma em que entramos, comecei minha cena e Amnesia foi compondo a cena até nos tornarmos parte da mesma cena que se modificou pela terceira vez, pois a primeira havia sido quando o grupo onde estou, Zero Vírgula Um, a fez, o jogo acrescentou coisas, como o fato da música não funcionar por eu ter apagado o aplicativo mp3 player do meu celular, então, criou-se no jogo: colocarmos as crianças para tocar instrumentos como

música de abertura.

Na segunda turma, resolvemos investir numa dublagem, eu já havia brincado de treinar isso em casa, mas não pensei em fazermos isso ali, lembrei-me da gague da dublagem tentar roubar o foco uma da outra e foi muito legal (música: sábado à noite, Sandy e Júnior (nostalgia)). A Florzinha Reluzente (Mariana também estagiária) estava com medo de entrar, pois fazia muito tempo que não colocava a máscara e entrou com um jogo que se tornou especial, ela falava quero ficar aqui, não aqui, aí eu a colocava de fora e dentro da sala. Na verdade, não devemos focar no jogo pronto, pois o jogo que vamos executar pode permitir acontecimentos não planejados, assim como na vida.

É realmente imprescindível o jogo sutil da entrada, a dupla se pos a olhar para si e depois partilhar a cena com o público e isso é triangular, entrar aos poucos, ir se achegando até ficar pertinho, depois fomos para a cena que nem deu tempo de terminar, pois as crianças foram compondo a cena, criando um jogo para elas, não só verem, mas jogarem. Na turma três, foi uma surpresa: entramos com a dublagem, eles ficaram tranquilos e rindo, já a cena que criei “fazendo sumiço” tornou-se um estímulo para criarem seu próprio brinquedo, eles não queriam somente ver, e sim fazerem as mágicas, se tornarem como Harry Potter.

Então fomos brincar de transformá-los em Harry Potter, como por exemplo zumbis, ou sumimos com o relógio de uma das crianças, que depois fizemos aparecer na testa dele, então ele ficou parecendo um minion (personagem do filme *Meu malvado favorito*), começamos a falar que ele era um minion e ele riu disso; em seguida, foram aparecendo crianças de outras salas chorando, o Daniel as sentou para assistir à nossa apresentação, como passe de mágica, eles já estavam rindo e fazendo magia.

Figura 17 - Encerramento do estágio 2 na ESEBA, escola de educação básica da UFU, foto tirada pelo intérprete da Lorena, que sendo surda conta com uma ouvinte que domina língua de sinais: LIBRAS



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Figura 18 - Encerramento do estágio 2 na ESEBA escola de educação básica, arquivo pessoal, fotos tiradas pelo intérprete da Lorena



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Figura 19 - Encerramento do estágio 2 na ESEBA escola de educação básica, arquivo pessoal, fotos tiradas pelo intérprete da Lorena



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

4.3. Escola 2: no caos também acontece uma cena

Mais uma vez eu e minha palhaça fomos percorrer outros contextos com a cena “Fazendo sumiço”, desta vez na escola Jacy de Assis, onde em 2015 fazia o PIBID (Projeto de iniciação à docência). Esse foi o primeiro experimento nesse lugar, nunca tinha apresentado minha cena em escola, e a cena foi realizada no recreio. Fui para pátio, onde joguei com algumas crianças para me aquecer até aí tudo bem, tinha descido apenas duas turmas, de repente desceram todas as turmas para o recreio e a diretora fez sinal para eu começar, o microfone que eu usava para iniciar a cena falhou e várias coisas foram dando errado, pois eu não esperava tanta gente e havia muito barulho no entorno provocado pelas muitas crianças.

As crianças de cinco anos inicialmente estavam comigo, um dos meus orientadores olhava meio bravo para mim. Finalizei a cena e as crianças foram embora, também porque acabou o recreio. Então, por tudo que ocorreu, já imaginava que haveria algumas reclamações sobre o caos que eu havia provocado no recreio e falaram mesmo. Por essa fala vir de certos professores, fiquei pensando se a cena fora mesmo ruim para provocar um caos na escola. No outro dia, ministrando uma aula no sexto ano, um garoto fez um desenho da minha palhaça e me entregou, disse ele que rira muito com a cena e que sua vontade era de também ser artista, a partir daí vi que as coisas acontecem e muitas vezes somos nós que não vemos.

O caos é bom, é inesperado e inusitado, ele foi o aliado da cena já que despertou a

sensibilidade de uma criança para a arte. Concluí que a palhaça instigara a sensibilidade de alguém, embora olhares confusos, bravos de adultos tivessem o poder de tirar a liberdade que existe dentro da sua palhaça, o olhar de novidade de uma criança revelou um poder bem maior.

4.4. Sobre o palco que sua casa pode ser

Esse experimento começou quando meu sobrinho Artur perguntou a mim como fazia para se tornar um palhaço, então eu, sem nenhuma didática, disse a ele que precisávamos iniciá-lo, ele tinha 8 anos, mas iniciá-lo a quê? Provavelmente, o garoto não entendeu nada e com razão, mas ambos estávamos muito empolgados para descobrir o que poderia acontecer durante essa atividade. Talvez, eu devesse ter brincado com meu sobrinho, explicado de uma forma infantil, mas será que precisava?

Estou vivenciando muita coisa e, talvez, ao longo do processo, seja possível responder, o fato é que resolvemos brincar de aula acadêmica do cômico em seu corpo e foi isso que fiz na disciplina de Interpretação e Atuação 2 que se trata de comédia e foi embasado nos exercícios propostos pela professora Ana Wuo que apliquei esses jogos na iniciação do meu sobrinho.

Primeiro fizemos a roda dos andares, pedi para o Artur andar e observar seu pé, como ele andava, então eu o imitei; em seguida, foi minha vez e eu andei, observei como eu ando, logo depois meu sobrinho imitou meu andar. Nesse jogo, percebi que, como fazemos em aula na faculdade, ele também alcançava o mesmo objetivo: imitou meu andar e evidenciou como meu pé pisa no chão.

Resolvi colocar várias coisas em jogo para ver como ele reagia, não sei se fiz certo, mas ele parecia bem concentrado e querendo muito se tornar um palhaço. É provável que não fosse o modo adequado, mas foram assim que as coisas aconteceram. Partimos para o jogo imaginário da dança dos olhares, nesse caso dança do único olhar, e talvez do olhar de palhaço mais verdadeiro que já vi em toda minha vida.

Ele se deitou como eu havia pedido, fechou seus olhos e começou imaginar as coisas que eu dizia para ele. Eu disse que ele estava entrando em uma terra encantada, com uma árvore e um rio, e eu disse a ele que, se ele quisesse, poderia colocar seus pés no rio ou até se banhar nele. Então, depois de um tempo, sugeri que caminhasse por uma rua tranquila e com árvores. Depois fui dizendo que a porta mágica estava se abrindo, e disse para ele abrir a porta e entrar.

Então eu disse a ele que lá havia todos os comediantes legais, de quem eu sabia que

Artur gostava: Chaves, Chiquinha, Quico, Mazzaropi, e notei nesse momento que meu sobrinho sorria e tinha reações muito parecidas com as minhas quando fiz o mesmo exercício. No momento parei e pensei se eu deveria continuar com aquilo, mas o garoto queria se tornar um palhaço e, estando certo ou não, eu já havia começado com algo que surgira no meu coração frente a esse pedido.

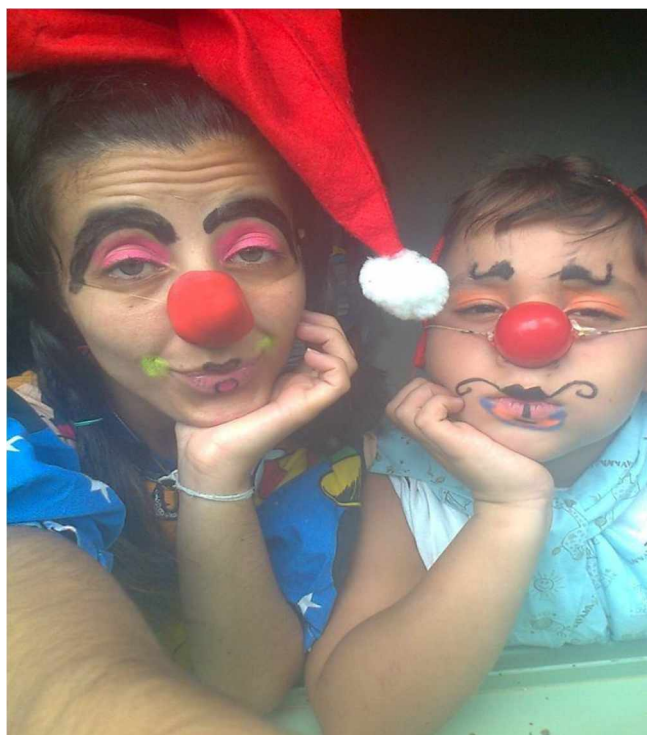
Então resolvi continuar e fui falando que uma mulher viera, segurando um bebê pequenino, e dissera que esse bebê era ele. O nariz de palhaço do Artur estava do lado do seu coração, então eu disse para ele pôr a mão no nariz, e que de agora em diante, quando ele atravessasse a porta, que estava em sua frente, ele seria um palhaço assim como o Chaves era (Chaves é personagem de um programa de humor mexicano que é transmitido pelo canal SBT no Brasil).

Meu sobrinho, de olhos fechados, sorria. Ficou alguns segundos assim, e eu disse que ele já poderia colocar o nariz de palhaço. Em seguida, o garoto se levantou e eu coloquei uma canção, e disse para ele dançar sem se preocupar. Solicitei para ele que dançasse como se nunca tivesse dançado antes, e que se lembrasse de todos os seus momentos felizes. Ele sorria. Parecia estar vendo esses momentos felizes como um filme em sua cabeça. Depois pedi para que fizesse o mesmo com os dias que não foram tão legais. Ele intercalava entre rir e ficar com o rosto neutro.

Até que eu, imersa nessa atividade imaginária e emocionante, falei para que ele, ao abrir os olhos, dançasse olhando em meus olhos, e eu que já participara de uma roda de olhares, percebi o quanto ele estava entregue àquela ação. Artur me olhou com muita profundidade. Seus olhos me sorriam e seus lábios também. A criança reagia como meus colegas de faculdade, e eu não conseguia entender, mas achava muito especial tudo aquilo.

Eu disse a ele que agora ele era um palhaço. Ele soltou um grande grito, e eu disse para ele escolher um nome para aquele palhaço. Ele disse: Meu nome é Look Dion Travolta. Descobri que o palhaço é feito de ser verdadeiro, de falar de você, do seu fracasso, do seu acerto. Confirmei que o olhar é uma das coisas mais importantes para a formação de um palhaço, pois é assim que ele não vai invadir uma pessoa quando estiver jogando com ela, mas também saberá quando avançar em um jogo. As crianças podem nos surpreender, e eu não devo fazer essa experiência com crianças que não queiram brincar assim. Stanislavski também começou como eu e meu sobrinho, elaborando cenas para apresentar para sua família. A seguir, falarei como Pequeno Detalhe e Look Dion Travolta fizeram várias cenas juntos.

Figura 20 - Iniciação ao clown com meu sobrinho no método de Ana Wu, arquivo pessoal, selfie tirada por mim



Fonte: Arquivo pessoal (2016)

Primeiros momentos da dupla Look Diontra Volta e Pequeno Detalhe

Meu sobrinho, sempre que eu ia de férias para casa, perguntava quando iríamos nos vestir de palhaços juntos, então algumas vezes eu vestia a roupa de palhaço ele também, virávamos para trás com o nariz próximo ao coração e colocávamos a máscara, Artur já começava a se caracterizar e maquiar sozinho com poucos auxílios meus. E nosso treino era conversarmos, jogarmos juntos, então nossos jogos iniciais surgiam, tais como: eu te olho você me olha, ninguém fala nada e os dois riem, depois Pequeno Detalhe falava que podia começar e Look dizia: “pode começar você”

E assim um jogava a bola para o outro, até os dois riem e Look perguntar: Já pode começar? E começávamos o que sem perceber já tínhamos começado. Look dizia à plateia imaginária que faria um show, ele ia para o meio do quarto e sorria, olhava para Pequeno Detalhe e cantava para a plateia uma canção inventada, os dois riem e assim se encerrava.

Em seguida, Look se despedia da experiência, perguntava para ele, como se sentira no nosso experimento e ele dizia: Legal, estranho, sou eu, é divertido. Então, dali a alguns dias, estávamos na casa de minha mãe novamente, ela recebia a visita de uma vizinha da Yasmim uma criança de 5 anos, então Artur deu a ideia de vestirmos de palhaço para

continuar brincando com ela. Minha mãe, como sempre, adorou a ideia, Artur estava alegrado como ele diz, assim nos vestimos como de costume, só um detalhe, esquecemos de perguntar se a garota gostava de palhaços.

Quando aparecemos em cena, fomos subindo até aparecer no sofá, Look não parava de rir, Yasmim estava de longe com o rosto sério, disse estar com medo e começou a chorar, então nos escondemos de novo atrás do sofá, tirei o nariz e falei para a Yasmim que Pequeno Detalhe era eu e que Look era o Artur. Perguntamos para ela se podíamos voltar de palhaços e ela disse que sim, mas pediu para ficarmos longe, surgimos do sofá, ela dizia ainda ter medo, mas que podíamos ficar ali.

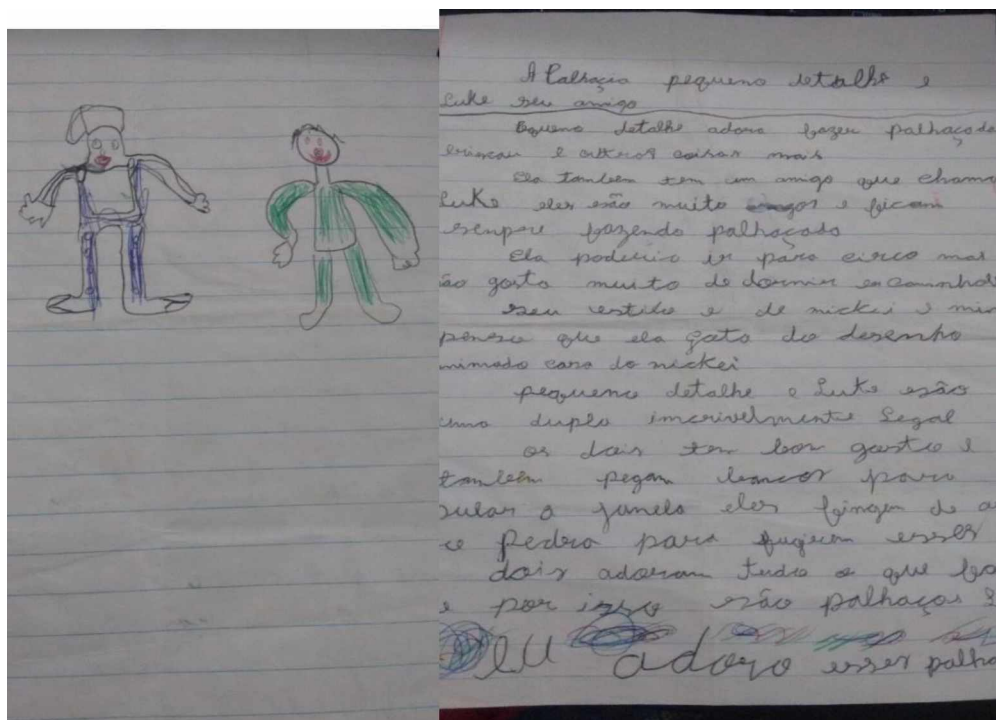
Look disse: “somos estátuas não vamos te pegar”. Yasmim disse que estátua não falava, então todos rimos e começamos a brincar de estátua, fizemos o jogo do quem vai apresentar agora, eu ou você? Não, você, não serei eu e sim você e, quando vimos, estávamos jogando com a Yasmim e sem medo. É muito importante perguntar se as crianças querem jogar, se querem ser palhaços e se dão brechas para irmos devagar com o jogo, precisamos ir com cuidado, até que tudo se torne transgressor e agradável. Peter Slade (1958), no livro *Jogo dramático infantil*, nos aponta a importância do jogo e dos cuidados que este requer, além do como trazemos a brincadeira ao público infantil, para que seja uma experiência potente.

Figura 21 - Segundo experimento de palhaços na casa de minha mãe, arquivo pessoal, foto tirada por minha mãe Geralda



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Figura 22 - Sobre depois de nosso primeiro experimento juntos Artur descreveu como foi para ele



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

4.5. Igrejas

Venho experimentando o palhaço em várias igrejas, Católicas, Espíritas e tenho percebido alguns pontos iguais. O palhaço, reconhecido pelos fiéis nesses ambientes, é o de maquiagem feia, como: batom borrocado (neologismo da minha cidade), ou seja, borrado, muito excesso de tinta no rosto, círculo grande em volta da boca, peruca e calça, em síntese, o palhaço de circo, a referência mais próxima, que nem sempre usa uma maquiagem desalinhada, mas na maioria das vezes é uma figura de caracterização feia e masculina, tanto que as crianças do centro espírita, quando eu cheguei na sala para jogar com elas, ficaram debaixo da cadeira rindo e me olhando e, depois que me apresentei, perguntaram-me se eu era uma palhaça, pois eu não tinha rosto nem roupa de palhaço.

Nesse dia, percebi que, quando se está no estado do palhaço, o do nonsense, da imaginação e do mundo da fantasia, as crianças são direcionadas à potência do jogo. Através desse experimento citado acima, consegui relacionar ao pensamento de Slade “O Jogo dramático é uma parte vital da vida jovem. Não é uma atividade de ócio, mas antes a maneira da criança pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, lembrar, ousar, criar e absorver. O jogo é na verdade a vida” (Slade, 1958).

Iniciei os jogos com o malabarismo com sacolinhas plásticas, criado pelo palhaço Antenor (Fernando Bruno) no projeto Pediatras Do Riso, do qual faço parte como palhaça:

Pequeno Detalhe, atuando nas alas hospitalares, desde janeiro de 2016. Em seguida, chamei as crianças para se apresentarem, alguns diziam que não gostariam de participar, então eu como palhaça chorei, elas riram, e um garoto de 5 anos quis participar, e inventamos o malabarismo em dupla, um jogando a sacolinha para o outro. Depois disso passei para a parte das mágicas, coisas que já estão no meu repertório de palhaça, como fazer sumir e aparecer um pequeno boneco, também a brincadeira de não conseguir encher o balão e ficar cansada.

Em um determinado momento, meu estado de clown caiu, e logo vi a energia das crianças caírem junto comigo, não sei o porquê dessa queda, mas sei que a situação só voltou ao normal quando voltei ao estado do palhaço, crianças haviam saído antes e, ao verem que tudo voltava a ser legal, elas iam voltando para a sala. Os pais, batendo na porta a todo instante, também dispersavam a qualidade do jogo.

Tudo se estabilizou quando eu cantei uma ciranda: “Eu vou te contar uma história agora, atenção, que começa aqui no meio, da palma da minha mão. Bem no meio tem uma linha ligada ao coração que sabia da história antes mesmo da canção, dá tua mão, dá tua mão”. E a outra ciranda que é: “Calma, calma, pra que tanta pressa. Muita calma, temos tempo à beça, tudo tem seu próprio tempo, as ondas do mar e vento, cada estação, o dia, a noite vem e vão, ão, ão, ão, tralalalalalalalá hei”.

Enquanto ouviam a cirandas, as crianças usavam a ludicidade no corpo e exercitavam sua imaginação, sendo o vento, mar. Por fim, fiz uma Contação de história em que havia ilhas onde moravam povos diferentes e cada sapato era uma ilha, esta era a história: “As ilhas de povos diferentes um dia foi atacada pelo mar, que estava muito turbulento, assim todas as ilhas acabaram se tornando uma só, pois a força da água havia estragado todas as ilhas, restando apenas uma. Então, todos os diferentes povos de variadas línguas, diversos tipos de cabelos, olhos, bocas e corpos diferentes conheceram uns aos outros e foram morar em uma só ilha”.

Essa história foi contada em meu estágio 3, pela professora Mariene, aos nossos alunos do COMUFU (Oficinas de teatro para a comunidade), eram crianças de 3 a 5 anos. As crianças queriam se pintar, e eu havia levado tinta para pele, queriam que eu fizesse em seus rostos o círculo na boca e tal, eu expliquei que eu não me pintava daquela forma, pois me maquiava de acordo com o que eu noto engraçado em meu rosto e com cores e formas que gosto e não do modo como todos os palhaços se maquiam. As crianças entenderam, ficaram vidradas em meu olhar e sorriram. Queriam ser palhaços, perguntaram por que eu não pintara o meu rosto e assim fizemos, elas insistiam que queriam o círculo na boca, e perguntaram por que meu palhaço não tinha o círculo nos lábios, e por isso eu não era um palhaço e sim uma

tia, afinal nem peruca eu tinha. Eu disse que minha palhaça não achava bonito e não gostava do círculo e nem da peruca.

Então uma das meninas de 5 anos me pediu para ser pintada com uma maquiagem igual a minha. Assim como eu, um dia, essa criança acabava de conhecer uma nova referência de palhaça. Ao ir embora, as crianças começaram a tirar meu nariz, então olhei com olhos firmes e disse a elas: Vocês gostariam que eu tirasse essa tiara do seu cabelo? Ou o relógio dele? Então, eu não gosto que tirem o meu nariz, eu gosto dele aqui, então elas pararam e logo foram brincar de outras coisas e assim essa experiência terminou.

Figura 23 - Uma das salas de estudo bíblico do centro espírita, no dia acontecia uma festividade com variadas oficinas pelos espaços da casa, arquivo pessoal, foto tirada pela intérprete da Lorena, a Marina, membro atuante do centro



Fonte: Arquivo pessoal (2017)



Figura 24 - Uma das salas de estudo bíblico do centro espírita, no dia acontecia uma festividade com variadas oficinas pelos espaços da casa, arquivo pessoal, foto tirada pela intérprete da Lorena, a Marina, membro atuante do centro

Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Igrejas (Experiência no EJC, encontro de jovens com Cristo da igreja Católica em Rio Paranaíba).

Essa aventura me foi permitida no EJC (Encontro de Jovens com Cristo, da igreja Católica) do qual participo e, nesses encontros, faço algumas apresentações com a minha palhaça. Como de costume, fui me maquiar e as pessoas que ficaram olhando a minha maquiagem também tiveram o mesmo discurso sobre uma forma padrão de vestimenta de palhaço.

Questionaram-me: “onde está sua peruca? Isso é roupa de palhaço?” E também quando estava me preparando, aquecendo para entrar no estado de palhaço, fui questionada porque estava fazendo aquilo, se nem começara a apresentação, e eu disse que era preciso me preparar para um trabalho que era sério, pois ao brincar/jogar como palhaça, não podia invadir as pessoas e etc. Inicialmente, as pessoas me olhavam, encantadas e como se tivessem descoberto o que estava acontecendo.

Vejo como é importante, para uma palhaça, ter repertório e até fazer um roteiro do que será feito em todo evento, pois a tela branca, mente vazia de pensamentos e das possibilidades de novos jogos e encontros é essencial, mas trabalhar também com o que já se tem, com um repertório prévio, também auxilia na apropriação do jogo. Incomodada com o sol, pois estávamos do lado de fora do prédio, em frente ao local do encontro (Centro Catequético), a imaginação do palhaço veio à mente vazia do pensar e logo tirei da bolsinha uma sombrinha minúscula, uma para minha palhaça Pequeno Detalhe e outra para uma moça que estava à minha direita e tampava o sol com as mãos.

Em um determinado momento, uma das garotas, também vestida de palhaço, aceitou o jogo por mim proposto, sem perceber comecei a fazer um jogo com tudo o que eu dizia, fazendo com o que a cena, que era antes isolada, desse início à brincadeira em dupla, criando ali a figura do clown branco, (o que sempre ganha, patrão) e o Augusto (o que sempre perde, servo). Naquele momento, percebi que o jogo acontecia devagar, conquistando a plateia.

Constatei, com esse movimento, que ser palhaça é uma conquista, em que, aos poucos, a plateia se rendia aos encantos da lógica do clown, permitindo ao espectador a desmontagem da figura palhaço homem, aceitando a palhaça mulher. Essa aceitação é uma forma de dizer que o espectador vai desconstruindo, em sua cabeça, algumas referências que encontrou nos caminhos de sua vida.

Outra experiência marcante, que também percebi, é quando utilizo técnicas como tocar um instrumento musical inusitado, que a plateia desconhece. Essas são técnicas que aproximam o público do palhaço. Nesse dia, em um dado momento, iniciou-se uma fila de

peessoas, começaram a cantar, o simples fato de olhar o grupo e eles olharem para mim, e perceber que eu não tinha violão, instigou-me a tocar um instrumento não convencional, um “cazuo” (instrumento de sopro feito com tubo de canetão, que aprendi a tocar numa oficina de musicalização do Pediatras do Riso²), fazendo assim acionar o riso na plateia, pois o instrumento tem um som engraçado.

Quase no final, quando havia um último momento de animação, propuseram a mim fazer algo e sabemos, enquanto clowns, o quanto no inesperado pode surgir uma gague. E foi isso mesmo o que aconteceu, chamei um garoto e fizemos um desfile com figurinos expostos ali, chapéu, tecido, houve até um desfile conceitual (não visto em nosso cotidiano), cobri-o como se fosse um fantasma e coloquei o chapéu em sua cabeça, assim lhe indicava: “vá para direita”, “vá para frente”, por fim dublamos um trecho musical.

As ações não convencionais apresentadas pela palhaça e pelo jogo engraçado ali estabelecido, referencias ausentes de nosso dia a dia, causaram riso, pois quando as pessoas compram o jogo, tornam este ainda mais divertido e risível. Assim também percebi que ser palhaça é experimentar a hora certa das coisas, e adquirir tempo cômico quanto mais uma ação é repetida, se eu não tivesse contato com essa outra possibilidade, trazida pela técnica, talvez eu tivesse invadido uma pessoa.

E sei como, às vezes, a pessoa não quer no momento a presença do palhaço e isso deve ser respeitado, como no hospital em trabalho com os pediatras do riso, sempre perguntamos à criança se ela permite a entrada do palhaço em seu quarto. E não como eu fazia no meu trabalho anterior de palhaço, antes de minha iniciação, na disciplina de atuação/ Interpretação II.

Como exemplo do que pretendo dizer com ‘não invadir’, mas sim convidar a pessoa para que ela aceite, entenda o jogo e participe dele, foi nesse dia na igreja, em um dado momento, uma garota estava num canto chorando, não sei o motivo, apenas olhei para ela de longe e ela olhou para mim, fui aos poucos chegando mais perto e disse a ela, tirando a mão de meu bolso e pegando um pequenininho guarda-chuva: “Moça, vou te dar essa sombrinha para você não se molhar com a chuva dos seus olhos”, ela sorriu me abraçou bem apertado, e eu segui.

Percebo que é importante, nesse aspecto, ter a formação de iniciação ao clown, logicamente não desprezando os trabalhos das outras pessoas não iniciadas, mas exponho aqui, o quanto a iniciação e o aprimoramento ao clown possibilitaram à minha palhaça o

² Projeto que agora se chama: Palhaços visitantes, onde bolsistas e voluntários do curso de Teatro vão ao Hospital de Clínicas de Uberlândia, atuar como palhaço, visitando os pacientes.

crescimento. E, aos poucos, descobro pessoas que na igreja católica também atuam com o palhaço iniciado, como Gerusa Vergna Gomes da RCC de RJ (Renovação Carismática Católica), que se iniciou com o LUME. E isso me entusiasma ainda mais, numa sociedade em que o trabalho de ator, às vezes, é visto como apenas diversão.

- Grupo de oração

Sobre encontros rápidos e potentes/ Um dia de olhares curiosos e aconchegantes

O GOU (Grupo De Oração Universitário) sempre foi um local onde eu busco minha paz, mas eu queria levar a palhaça ao encontro deste lugar, pois sabia o bem que a palhaça traz para mim e para o público, sei também o quanto a transgressão proporciona experiências em que, se não estivesse de palhaça, eu não teria coragem de experienciar.

Foi um momento de oração no Espírito Santo que me permitiu começar. Na primeira vez, o Espírito Santo, em oração, incomodou-me e disse para eu ir de palhaça em um dos momentos que acontece no grupo, a animação. Primeiramente, na música inicial, cuja letra falava a Pequeno Detalhe, pois levava para a lógica do palhaço, por exemplo: “Bate o pé”, eu pegava no meu pé e batia no pé de alguém, “dê uma rodadinha”, então eu pegava uma roda de carrinho e punha no chão para rodar. Foram várias vezes que Pequeno Detalhe esteve nos momentos de animação, esse foi um deles.

Depois as pessoas perguntavam como eu conseguia fazer elas rirem, e diziam ter algo que as fazia olharem encantadas, certamente a capacidade da palhaça de viver o aqui e agora e de jogar na lógica clownesca, sempre buscando a tela branca, ou seja, os pensamentos vazios. Depois comecei a ir com Pequeno Detalhe na acolhida, na porta da sala, foram várias experiências, mas uma em especial irei relatar.

As pessoas chegavam aos poucos, uma por vez ou em dupla, então Pequeno Detalhe fazia o número inicial, que ela chamava de ‘a orquestra’, parava a pessoa e dizia: “você vai ver uma orquestra”, então ela pegava o cazu, apitava uma vez e a pessoa ria do “Grande número”, assim repetia o número para toda pessoa que chegasse ao GOU. Pequeno Detalhe quis mudar, mas não se lembrava de nenhuma gague, então não pensou em nada, fazendo assim o jogo aparecer, ela apenas olhou para a próxima pessoa que chegou e disse: “Para entrar, você precisa da palavra mágica”. As pessoas falavam qualquer palavra, e Pequeno Detalhe respondia, “e a mágica? É uma palavra mágica”, as pessoas riam, umas inventavam uma mágica, outras riam por não conseguirem pensar em uma mágica.

Em determinado momento, Pequeno Detalhe fugiu e viu, em uma sala ao lado, um grupo de pessoas com caderno na carteira que jogavam conversa fora, um deles dizia: “você já passou mal?” E, da porta, Pequeno Detalhe disse aos desconhecidos: “licença, aqui que é

para entregar a encomenda do ferro?” Eles riram e disseram que era o amigo deles, Pequeno respondeu: “Ah, o amigo de vocês trabalha como passadeira”, aí eles riram ainda mais. Aqui, na Igreja, é um lugar onde não se espera a presença que subverte, o palhaço, mas, desde sempre, a figura palhacesca sempre esteve nos lugares cristãos, nas festas de reis, na Roma antiga, onde encontramos o primeiro palhaço que se tornou santo, São Genésio, como nos mostra o livro *O elogio da bobagem*.

“Em uma festa, o palhaço Genésio resolve fazer um deboche com o batismo cristão, mas na hora em que seu comparsa num arremedo do sacramento o unge com óleo e diz as palavras sagradas, eis que se dá o milagre, Genésio se converte e declara para todos sua fé na doutrina de Cristo. Mesmo ameaçado, não renegava suas convicções e acaba condenado às feras do circo (VIVEIROS DE CASTRO, p.28)”

Figura 25 - Porta da sala onde é realizado o Gou, arquivo pessoal, foto tirada por desconhecido



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

4.6. Bar da Antônia

Como sempre as experiências surgem em meus caminhos por anjos, pois meu medo de ir para cena, às vezes, bloqueia-me. Dessa vez, eu apresentaria uma cena no bloco de teatro na disciplina de práticas tradicionais populares e cômicas, mas a professora Maria do Socorro mudou o local de última hora, prato cheio para a palhaça, pois é potente trabalhar com o inesperado. Lugar escolhido: Bar, e mais uma vez a cena “Fazendo Sumiço” foi reformulada para outro local diferente dos já experimentados com essa cena.

Além disso, Pequeno Detalhe apresentaria a cena junto com outra colega de sala, a querida Camila Faleiros, que daria apoio como apresentadora. Dentro do meu aprendizado, a observação do espaço onde se atuará é muito importante. O primeiro passo é, ao chegar ao local, perceber todas as coisas em sua volta, objetos, as pessoas que trabalham no local, o barulho, dentre outras pessoas que iam apresentar, por isso, para observar a rotina do bar,

pedimos para sermos a segunda apresentação da noite, assim também achamos um local adequado para começar a cena.

Quando chegou o momento, pedimos para abaixar o volume da música, o pessoal do bar abaixou. Escondemos atrás do balcão, aos poucos íamos subindo do balcão, Camila apresentou a minha palhaça. Pequeno Detalhe saiu de trás do balcão, foi até a frente e perguntou à plateia se estava bonita, riam, mas como não bateram palmas, Pequeno Detalhe disse que entraria de novo, e assim Pequeno Detalhe entrou 3 vezes. Camila se fez de brava por ter que me apresentar tantas vezes, gerando assim o riso.

Ali estávamos uma dupla branca e augusta, provando que o palhaço está dentro do sujeito, mesmo ainda sem ter uma iniciação ao clown, o querer ganhar e perder está dentro de nós, o cômico se revela em todos, basta estar aberto ao jogo, como a Camila estava mesmo sem ter iniciação ao clown. Daí Pequeno Detalhe saiu e entrou Camila repentinamente, cantando o Hino Nacional, Pequeno Detalhe perguntou o que ela fazia ali, ela disse: “estou cantando”, então as duas começaram a discutir o que, de fato, teriam ido fazer ali, até que se esqueceram e começaram o número de mágicas, a primeira da cena fazendo Sumiço: de sumir a bala, ou seja comer a bala, uma gague tão idiota que o riso vem na plateia novamente.

No final da cena fazendo Sumiço, Pequeno Detalhe cobriu tudo com um tecido, sumindo assim tudo e saiu andando do palco com o tecido no corpo, e nos objetos, mas dessa vez o riso foi maior, tinha muita coisa para carregar e Camila estava também debaixo do tecido. Foi aí que batemos na pilastra, de verdade, levando a risadas. Camila, para terminar, perguntou: “quebrou os chifres?”, o riso foi garantido.

Nesse dia, as garçonetes do bar foram bem legais, pois toda hora que esbarrávamos nelas no balcão virava uma confusão, pois não dava para Pequeno Detalhe, Camila e elas passarem no pequeno vão do balcão de uma vez. Nesse ambiente, a palhaça não causou estranheza, mas acrescentou mais um elemento ao ambiente, a arte da comicidade, justamente pelo bar ser um ambiente transgressor.

Assertivamente, a prof. Maria do Socorro fez com que o tema da disciplina com enfoque no cômico e na comédia fosse vivida em toda sua potência, recriando assim, historicamente, as tabernas, retomando os estudos de Bakhtin, vivenciamos, por algumas horas, a essência do cômico que é despertar o riso, transgredir e, por já ser mesmo um local de descontração, de jogar conversa fora e se divertir numa mesa de bar, onde percebemos na foto abaixo o semblante dos alunos espectadores.

Figura 26 - Bar da Antônia, arquivo pessoal, foto tirada por desconhecido



Fonte: Arquivo pessoal (2018)

4.7. Palhaça no hospital: acredite no riso quando tudo estiver perdido

O contexto em que até o momento tenho mais experiência é o trabalho no hospital, com o projeto Pediatras do Riso hoje denominado Palhaços visitantes, com o qual tenho 2 anos de encontros experimentados. Foi neste ambiente em que aprendi a palhacear, respeitando o ser humano e possibilitando o exercício da imaginação em atuação. O ano desta experiência foi em 2016, eu não estava muito bem, havia um desânimo em mim.

Ana Wuo coordenadora do projeto e me olhou, sorriu, disse para eu ir sim com minha palhaça visitar os quartos aquele dia. Fizemos vários jogos, (Thiago) Quincas Frango, outro palhaço e eu, mas quase todos pareciam não ter dado certo, após fazer a ala da pediatria, respirei e pensei: mesmo não dando certo preciso me animar, foi aí que começamos uma bandinha no corredor do Pronto Socorro.

E, acreditando na ação, fizemos a banda, mas, logo em seguida, desfizemos o grupo e, na porta de um quarto, olhei para uma senhora, ela olhou para mim, eu tirei um coelhinho de pelúcia da cartola e ela riu. Dali em diante, comecei a pensar na força da gague que dá certo e, quando não dá, precisa ser transformada. Refleti também no quanto me fez bem estar presente naquele lugar onde o paciente me fizera bem, afinal palhaça e doente são humanos iguais e abertos à brincadeira de vida. Percorremos corredores dentro do hospital e, a cada

momento, jogamos com o inesperado, uma experiência diferente atrás da outra. Para explicar melhor tudo isso, descrevo adiante alguns momentos que estavam gravados nas anotações do meu diário de bordo.

Para que o leitor possa apreciar, selecionei alguns momentos mais marcantes, alguns deles feitos em forma de poesia ou **Haikai** (é um vocábulo composto por duas palavras da língua japonesa: *hai* = brincadeira, gracejo; e *kai* = harmonia, realização), esse gênero foi sugerido pela profa. Ana Wuo, diante de minha dificuldade de escrever os relatórios, para que eu ficasse mais livre, compreendesse e melhorasse a minha forma de escrita.

47.1. Experimentar acreditando no espaço de atuação do hospital

A cada novo momento no hospital, novos jogos e parcerias surgiram, quando já se conhece o espaço de trabalho, torna-se mais fácil e tranquilo o aprendizado. A semana de nossa chegada à medicina, hospital HC da UFU, foi muito animada; isso também possibilitou observar mais, pois a energia estava alta. Nada melhor para o ofício que fazê-lo, estando ou não de bem com sua vida, com a mente em tela branca, que consiste em um pensar sem julgamentos, uma mente sem pensamentos. Quando acionamos a tela branca, entramos em contato com a possibilidade de um novo fenômeno: descobrir possibilidades e se desapropriar das tensões corporais e atuações mecânicas. Creio que a tela branca possa ser considerada como um estado de prontidão.

Naquele momento percebi que a dupla de palhaços, quanto mais trabalham juntas, mais a escuta é aprimorada, percebe-se também um estar à vontade para assim testar várias formas de jogo. No dia em questão, a palhaça Pequeno Detalhe percorreu o hospital com o palhaço (Fernando Bruno) Antenor, já trabalhava com ele há duas semanas, percebi o quanto eu estava com uma escuta mais apurada às propostas de Antenor e ele, comigo, isso tornou agradável jogar.

Iniciamos o jogo, não combinamos nada previamente, apenas chegamos aos quartos sem nada dizer, então nos olhamos, rimos, até por vontade do corpo, surgiu a simples fala: “Você está me imitando?” E assim naturalmente surgiu um jogo, dentro dele uma triangulação com o paciente espectador e, para ele, dissemos: “Você está me imitando?” E assim foi em outros quartos da ala Pediátrica, onde repetimos esse mesmo jogo, assim, nesse dia, ele se tornou um jogo para saída de cada quarto.

Também neste relato se faz pertinente tocar em uma questão, quando iniciei minha palhaça ou até mesmo em meus primeiros momentos no ambiente hospitalar, eu não conseguia sair da subjetividade do clown, que é a lógica do palhaço diferente da nossa

linguagem cotidiana, eu não entendia como possuir limites, seriedade, sem sair desse estado do palhaço, mas tudo é questão de tempo no ambiente hospitalar, e na máscara de clown.

Resolvemos entrar em uma ala, que não estava no trajeto por que deveríamos seguir, interessante como, pela primeira vez, eu e o palhaço Antenor jogávamos neste espaço cômico, mas na seriedade dele, antes eu não tinha limites ou não sabia como fazê-lo, pois, dentro da máscara, tudo é lúdico e surreal. Naquele dia, no entanto, vi naturalmente meu eu brincante e consciente agindo simultaneamente.

Percebi que ali era um lugar de silêncio total, talvez nem pudéssemos estar presentes ali, porém silenciosamente foi possível brincar, conhecer o lugar e entender como o consciente não só pode, como deve estar presente: consciência e a lógica do clown são igualmente importantes no nosso ofício de ator, também é primordial, no momento da chegada, observar o local.

É importante refletir sobre a possibilidade de uma palhaça fazer algo errado no ambiente da UTI, trata-se de questões que merecem cuidado e aprendi isso apenas depois de 6 meses atuando como palhaça dentro do hospital. Isso demonstra também a importância da professora Ana Wuo sempre colocar em trabalho palhaços novos com tutores.

Essa ação tem um papel de grande importância quando iniciamos o trabalho como palhaços no hospital, pois são alunos que já estão no projeto há muito tempo, ou os próprios professores, que estão ali para orientar o novo clown, ensinar a ele como funciona o palhaço naquele ambiente, os cuidados necessários, como jogar sem invadir o ambiente de forma incoerente, além de encorajarem os iniciantes em dias difíceis do trabalho, mostrando que com o tempo logo vem a alegria e satisfação.

47.2 Sobre um trio e seus detalhes

Deixar-se movimentar pelo jogo proposto pelo outro, abre caminhos para novos experimentos teatrais, perceber-se enquanto jogando e observar os detalhes do local de trabalho, abrem sua escuta para com o trio que está trabalhando com o sujeito. Percebo a necessidade da tela branca (Mente livre de pensamentos e julgamento) mais uma vez, não só a fim de anular o julgamento sobre si mesmo, mas também o de seus parceiros de jogo, levando o sujeito a se abrir a possibilidades.

Nosso primeiro momento foi no hall de entrada do primeiro setor, do qual não me lembro o nome; estávamos em trio, (Lorena Karla) Amnésia, (Thiago) Quincas Frango e (Eu) Pequeno Detalhe, ali houve um reencontro do Quincas com uma criança que ele visitara na semana anterior. Estabeleceu-se o jogo do chegar e fazer nada, eu e Amnésia sorriamos, Quincas nos apresentou à criança e, fazendo nada, o jogo começou, Pequeno Detalhe se

abaixou para amarrar os sapatos e ao se levantar, aos poucos, Quincas usou esse movimento para transformar Pequeno Detalhe em marionete, Amnésia sem fala, mas corporalmente, tirava sarro de Pequeno Detalhe, rendida ao jeito augusto de ser (o clown que perde, o bobo).

Assim percebemos que “O palhaço nos proporciona a experiência de uma grande variedade de papéis e situações. Estimula-nos a aceitar diferentes reações e, assim, nos ajuda a expandir nossas identidades dissolvendo os limites do ego” (MASETTI, 1998, p. 19).

Depois de despertar risos no reencontro de Quincas, continuamos o trabalho nas outras alas, e na pediatria surgiu o jogo do Dino, em que eu mostrava uma miniatura de dinossauro, Amnésia começava a comparar Quincas Frango com o Dino, a criança paciente seguia dormindo e os pais rindo, o jogo se fez para todos desde paciente, acompanhante, funcionário. Assim seguimos a um outro quarto na pediatria, o da Letícia que sempre esperava ansiosa por nossa presença.

Eu estava com medo de jogar, pois eram meus primeiros momentos jogando sem falar nada, pois a presença de Amnésia, palhaça surda, fez-me arriscar nesse desafio. Perguntamos se podíamos entrar, ela disse sim, olhamo-nos e entramos devagar, olhamos para nós de novo, depois olhamos para a criança, então Amnésia começou a falar com a Letícia em libras, ela bateu palmas, Pequeno Detalhe começou a fazer mimica com as mãos, então Letícia começou a falar que são animais o que estamos fazendo com as mãos.

Quincas frango também começou a fazer sinais com as mãos, olhamo-nos, olhamos para a criança e tudo se tornou uma dança de mãos, em que cada hora um era o propositor da dança, hora a criança, hora algum dos palhaços. Percebe-se que “quando se fala em encontros tudo é possível. Um palhaço e uma criança se encontram. O cenário que os envolve é pintado de branco e azul. Nele há aparelhos computadorizados e luzes que piscam, ligadas a um incontável número de fios que dão o ritmo ao andar das pessoas que ali trabalham” (MASETTI, 1998, p.14)

Naquele dia, o jogo para entrar no quarto foi: um de nós entraria sonâmbulo, o jogo de despedida e saída do quarto foi: Quincas se embarçou numa fita métrica levada por ele, e nós nos embarçamos nele, saímos do quarto tentando nos desenroscar. Desse modo, compreendi o quanto era necessário o detalhe de olhar para os palhaços com quem estivera trabalhando, juntamente com o olhar para o público.

Figura 27 - arquivo pessoal, trio: Pequeno Detalhe, Quincas Frango e Amnesia



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

473. Palhaceando no hospital por uma escrita automática

Hoje a escrita será como um rio de águas correntes, para mostrar a cabeça vazia sem julgamento e rebento torna o rio fluente. Pensei em jogos comuns para ali estar e percebo, quando olho no olho, no olho do mar, no olho do mar do olhar na ala hospitalar. Ao olhar se escutar, você vai me imitando repertório dá fruição e vai nos causando dimensão.

E foi indo, indo, indo, no rio descendo a correnteza, o jogo para três palhaços, jogo com incertezas, que é bom e causa muita beleza. Quincas é frango, Pequeno vivi de detalhe, Antenor não se perde pois está antenado. De Antenor continua a fruição, a moça riu quando sem tenor fez sua bolsa desaparecer, e num pliê aparecer, ou sua bolsa roubarê, ao quarto vamos voltar cantar com detalhe canções Italianas de Frango.

474. Confusões hospitalares

Como na última visita ao hospital, vinha observado a potência do jogo quando ele é iniciado pelo paciente. O quarto mais marcante que vistamos num determinado dia foi o do Matheus, estávamos sem nenhum jogo como repertório, o que foi bom para a nossa escuta, o paciente tinha acabado de receber leite com toddy, Quinca frango, meu parceiro de jogo, confundiu-se, pensou que esse era o nome da criança, então, minha palhaça Pequeno Detalhe disse que ele estava louco e a criança entrou no jogo e pediu a mim para interná-lo.

A partir daí, eu tirei do bolso uma pequena boneca que fizera de agulha, sempre tentando levá-lo para a cama do lado, daí ele acordava e eu disfarçava a internação, foi bem

divertido. O paciente como propositos e fonte de repertório é algo fascinante, estimula o jogo, faz doente e palhaço serem iguais, o que pode ou não um doente fazer?

Outro momento interessante se passou na festa junina da hemodiálise, para a qual fomos chamados sem aviso prévio. Fomos em muitos palhaços para lá, então segui a tela vazia (o não pensar e nem julgar), surgiu automaticamente do meu repertório, o número da dublagem, então vi como o olhar e a sutileza começam a iniciar e causar as primeiras verdades do jogo teatral. Pequeno Detalhe dublava a música tocada e cantada na hora pelos cantores: Quincas Frango e Amnesia para 3 pacientes, esses olhavam intensamente, depois riam e era apenas uma dublagem. Quanta bobagem!

Figura 28 - arquivo pessoal, tirada por desconhecido



Fonte: Arquivo pessoal (2016)

Poesia aleatória: Isole seus lamentos,

LAMENTO? ISOLA.

Maria Anna do isolamento, sorriu, saí com o vento.

Bola, rola, enrola, bola azul, Pontesí, Antenor, macaco norte e sul.

Pequeno se enrola sem coca-cola com corda,

Jogo, vazio, rio.

Lamento se isola com vento, enrola na hora detalhe pequeno.

Haikai: SAPATOS

Dois sapatos vermelhos. Quatro
nudes e um conselho. Seja feliz
Janaina.

Haikai: ÁrvoreSER

Quero esconder.
 Árvore quero ser,
 Mas folha bactéria não posso comer.
 Mas o palhaço dor e amor pode ter.

Poeminha: Tornando Augusto

Se você me vende E eu
 não se rende. Me
 tornei Augusto
 Porque me foi expulso.
 Mas isso não é ruim entende?
 Só que é difícil dizer isso pra mente

5. RELATOS

5.1. Pequeno Detalhe muda e como isso a muda: uma palhaça aspirante a LIBRAS

Cada vez mais me convenço do poder da tela branca (pensamentos vazios), livre de julgamentos nos colocamos abertos para novos jogos e novos parceiros palhaços. Bem como é necessário deixar também o paciente livre, às vezes, para iniciar o jogo, antes eu não pensava nessa possibilidade. Assim o paciente passa a estabelecer um vínculo direto conosco, o palhaço.

A dupla dos jogos daquela sexta eram, Amnésia e Pequeno Detalhe, dos jogos em destaque o: jogo do paciente, em que o mesmo diz a direção do jogo, por exemplo: “não gostei disso”, “nem isso”, “nem esse” e, quando vimos, já estávamos num outro jogo criado pelo paciente, tornando-nos dois augustos com o paciente mandando na ação. Em outro quarto, como estávamos mudas, a criança ria por não entender o que queríamos ou não dizer, então toda vez que ela falava algo ou comentava a brincadeira, afirmávamos que estava correta, então mais uma vez fomos as palhaças Augustas³.

Retomar jogos do repertório é bom quando não pensamos, quando eles veem de livre espontânea vontade surgindo na tela branca, como retomamos o jogo da Barbie que é: quando a minha palhaça arrancava a cabeça da Barbie, Amnesia chorava e Pequeno Detalhe não conseguia consertar, Amnésia ficava brava. Dessa vez, ao invés de consertar, demos a boneca ao paciente, ele consertando pareceu ter criado um certo vigor em si, alegria de se ver vivo e forte, capaz de construir algo.

“A possibilidade de controle da criança na escolha da interação com os palhaços é mais um fator que colabora para a recuperação. Num contexto em que não lhe é permitido fazer nada. Essa condição recupera um sentido importante de controle da situação da doença e do seu corpo (...) A liberdade é portanto uma transfiguração das situações dadas graças a um movimento de ação que realizamos instaurando um

sentido novo” (Masetti, 1998, pp. 26 e 35)

Por fim, os cliques como piercing foi divertido, pois pegávamos os cliques do setor de faturamento e colocávamos na orelha. Assim, deixar-se levar na proposta do outro parece sempre a opção mais revolucionária, ele e os pacientes compõem muito bem nosso repertório e trajetória.

5.2. Relato: adentrando o pediatrando

Mais um texto se inicia com carinho e emoção como algumas vezes sem autores para fazer reflexão. Mas escrever é preciso, exercitar e apreciar, também, não sei por que quero aqui rimar com a palavra neném. Hoje foi um dia especial quando me mostrou que o jogo pode acontecer com qualquer palhaço, qualquer paciente apenas precisamos querer.

Já havia um tempo que Pequeno Detalhe estava fazendo parceria com o palhaço Antenor, mas nesse dia apareceu a oportunidade de outra vez encontrar Quincas Frango; sempre pensei que existiam clowns que não dão certo com o meu. Quando me iniciei, achava que não era possível jogar com qualquer tipo de palhaço, porém isso se desfez neste dia.

Talvez seja por sua figura cômica Quincas frango onde apresenta sempre perder nas brincadeiras e eu quase sempre ganhar então eu jogava como Augusto mais vezes. Para além dessa consideração, no início, como não sabíamos de que modo realizar o jogo, apresentávamos um ao outro dizendo: “Vamos fazer uma mágica” e, como não havia nenhuma, Pequeno Detalhe se lembrou: dormir é uma gague, então Frango Quincas dava um empurrãozinho e a levantava.

Às vezes, desconfiamos do jogador com quem jogamos, esquecemo-nos dele e não percebemos o quanto ele também sabe e pode propor, e foi numa dessas atuações, que pensei estar sozinha no jogo, e fui surpreendida por um jogo proposto por Frango, no qual ele comia minha fala e só entregava a mim as palavras que ele desejava que Pequeno Detalhe falasse.

Houve um quarto onde a criança só olhava séria e, ao ver o sufoco da palhaça, ela ria. Para sair do quarto, como fazer? Usamos então as mãos de Frango Frito Quincas para ser um imã que atraía Pequeno Detalhe para fora do quarto.

Também houve um momento onde eu sumi dos demais jogadores, logo os notei por perto e fiz uma surpresa: inesperadamente, pediram para eu entrar em um quarto com várias mulheres, onde fui apresentada e pediram-me para cantar uma música, então comecei o Hino Nacional, mas nada, nenhum riso, então continuei com o ridículo de cantar o Hino.

³ Augusta: Ou augusto quando o palhaço faz uma gague com outro palhaço mas ele sempre sai perdedor.

Isso parece ter sido uma boa ideia, pois funcionou, uma das mulheres pediu para eu cantar uma música bonita e eu cantei: “Que ela é bonita é bonita e é bonita, viver e não ter a vergonha de ser feliz”, música de Gonzaguinha. Depois desse jogo, saímos do quarto, reencontramos a paciente Virginia, ela estava feliz e disse que queria ir com o circo, pois a palhaça Caixinha fez essa proposta para ela na última vez que estivera no hospital.

5.3. Relato: experimentar acreditando no hospital

A cada novo momento no hospital, novos jogos surgiam, parcerias eram feitas, quando já reconhecíamos o espaço de trabalho, tornava-se muito mais fácil aprender nele de forma tranquila e observadora, sem focar nos seus erros ou nas suas glórias. Em uma certa semana, já estava animada desde antes da chegada ao hospital, vi o quanto isso me possibilitou observar-me sem julgamentos e pressões, curtindo cada etapa das brincadeiras vivenciadas.

Nada melhor para o ofício que fazê-lo, estando ou não bom, certo, errado, apenas ir na famosa tela branca: “Que é quando você nada pensa, não vai com jogos preparados apenas veste a roupa de palhaço e vai ao trabalho no hospital”, tenho percebido a necessidade da tela branca até mesmo em outras disciplinas do curso de teatro, na estreia de um espetáculo essa cabeça em branco se faz importante para ocorrer um fenômeno novo, descobrir possibilidades e desapropriar-me das tensões corporais e atuações mecânicas.

Naquele momento, entendi a dupla de palhaços assim: quanto mais juntos, mais há escuta, “ou seja, perceber a hora de entrar no jogo, saber esperar sua hora de finalizar, ou esperar o outro dar uma proposta de terminar a brincadeira” é aprimorada e o artista se sente à vontade.

Para testar, não ir com sua dupla costumeira, pode deixar o palhaço um pouco inibido, com medo do novo, mas, aos poucos, vão se criando os afetos, aprimorando-se o ouvir de maneira singela, ambos vão conhecendo as falhas do outro, torna tudo mais fácil até mesmo se tiver que dar algum toque no parceiro. Nos quartos, fui com o Antenor, trabalhamos juntos por duas semanas seguidas, eu escutava mais as propostas, assim o jogo tornava-se mais fluido e tranquilo, agradável de jogar.

Foi muito legal, nos quartos, o não ter nada para dizer, pois nossa orientadora Ana Wuo solicitou que fizéssemos aquilo naquele dia, por não saber qual brincadeira faríamos, naturalmente nos olhamos e ficamos sem graça e rindo muito. Até sentirmos a vontade de falar, estar em tela branca “sem pensar em nada” e então dizemos um simples: “Você está me imitando?”

E aí conseguimos naturalmente divertir-nos, então, por alguns segundos, parávamos nos olhando e triangulando com o paciente dizendo: “Você está me imitando?” Foi bom isso, pois sempre que perdíamos o rumo de algum jogo feito, íamos para esse lugar de imitar, concluindo a saída dos quartos.

Hoje é pertinente tocar numa questão que antes eu achava complicada a compreensão. Quando iniciei minha palhaça ou até mesmo durante os primeiros meses no ambiente hospitalar, não conseguia sair da subjetividade do palhaço e seu lúdico, não entendia como possuir limites a serem cumpridos ou a seriedade sem sair desse estado do palhaço, mas parece que, para aprender a jogar, tudo é uma questão de tempo nesse ambiente e nessa máscara.

Resolvemos entrar em uma ala, que não estava no planejamento para irmos e foi interessante como na primeira vez em que eu e Antenor jogáramos nesse espaço cômico, mas com o cuidado que aquele ambiente pedia, pois ali se fazia necessário um silêncio absoluto. Antes eu não tinha limite ou não sabia como fazê-lo; dentro da máscara, tudo era lúdico e surreal, hoje vejo isso como minha criança interior e consciente ao mesmo tempo, pois percebi que ali não era local de barulho.

Talvez, não pudéssemos estar ali, porém, silenciosamente, foi possível brincar, conhecer o lugar e entender como o consciente não só deve estar presente no irreal, como também se faz importante na prática trazida pelo palhaço. Então, pude ver como sem essas duas coisas fluidas e juntas a tarefa não pode ser completa. Porém, na inconsciência de um palhaço, ele pode fazer muito barulho na UTI.

Não que isso venha acontecer, são alguns exemplos por mim experimentados em minha cabeça como forma de entendimento das necessidades de um paciente que quer nossa alegria, essa é uma viagem a um mundo divertido, mas cuidadoso com o estado de saúde do interno e com as limitações daquele local. Contudo, tudo isso só compreendi com o tempo, mas sempre me foi dito para ter cuidado, limite mesmo, sem saber realizar isso com o nariz, afinal ali é um hospital, então sempre soube do cuidado. Agora mais ainda o farei com sutileza e consciência.

5.4. Relato: voltar (estar hospitalar)

Alegria de voltar ao hospital é singela, chuva cai, sem medo das gotas, no meio dos corredores que cheiram carne moída, pois é perto do lugar onde se preparam as refeições, é para lá que eu vou. Se voltei, saudades senti, hoje não está aqui o medo de estar com quem já palhaceia há algum tempo.

Eis o retoque dos sinais de trânsito no chão (sinalização em cores para ajudar os pacientes com a localização), faixas brincantes para doentes ou não. Isolado quase tudo estava, mas se nas regras há exceções, temos o Nicolas e sensações, bebês como ele merecem canção, se o neném faz mágica Aladim no coração. E são três desejos, mas a mãe não quis dar, ela disse assim; pois os 3 desejos são meus, Enzo, Nicolas e o último, o palhaço esqueceu.

Depois, isolamos a Caixinha na pediatria, confusão, tanta gente isolada, ela chorava, dizia ter encostado na BACTE'RIA. E pensa que acabou? Três palhaços foram grudados no chão exalava cola, não tinha nada a ver com feijão. Ao passar por outro corredor, vejam a alegria, Caixinha e Quincas Frango conversam com a secretária, Pequeno Detalhe fingia que ouvia e repassava às pessoas, somente as mensagens que ela queria.

O último corredor, Pronto Socorro: veja, apenas sorrisos, olhar vergonhoso, fora da porta o paciente a brincarolar, pequeno detalhe nada fez, aliás ao paciente atravessou um olhar.

PPP (Paciente Picadeiro PALHAÇATOR)

ATOR'RIA

Olha o Mateus de novo aqui está,
Procurando o Quincas na ala hospitalar.
O jogo da mímica e do coração,
Foi assim sem jeito que começou a confusão.
E num símbolo de rock de mãos postas surgiu Macarena,
Foi assim que Mateus riu e entrou na cena.

Eita, menina bailarina foi no olho no olho,
Conquistou-nos menina, de novo a mimicar,
Ela batia palma com os pés com a língua fazia dançar.
Balançava a cabeça e do show nada cobrava, era ela menina bailarina com graça.

Do olho no olho,
Na hemodiálise foi profundo,
Falamos que íamos tatuar o nome dele, seu Fábio, no nosso punho.

Depois do 07-07 tive agora que acrescentar, é 2018
Mateus, nosso palhacinho, nas nuvens foi palhacear,
Foi herói, foi de luta, de picadeiro hospitalar.
Salve Matheus em nossas memórias vai ficar,
A lágrima correu aqui, meu Deus, Ave Maria, o herói foi para a Estrela Guia.
O herói no céu se encontra, e no meu nariz de palhaça com amor desponta,
a ponta de uma memória de um Mateus, palhaço Augusto,
entre Detalhes e Quincas brancos no hospital, colorindo o mundo.

6. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado em confluência da prática com a teoria, relatando experiência de uma palhaça com abordagem no processo de formação como estudante da UFU. A abordagem é realizada por meio do clown visitador (Wuo, 2011), que, a partir das experiências vivenciadas com a professora Ana Wuo, pude aplicar a teoria na prática, conciliando sempre com os acontecimentos do aqui e agora juntamente com o inesperado.

Estudando assim os autores clássicos propostos pela mestre, praticando também a observação em relação ao meu trabalho em diversos contextos de atuação, como: universidade, escolas, igrejas, casa de família, hospital, teatro, bar, rua, onde realizei esse trabalho.

Também apresentando nesses lugares a cena: Fazendo sumiço, que criei com a direção da professora Ana, na disciplina de iniciação ao clown, a fim de perceber como é a recepção da mesma em cada local por onde passa. Também percebi o aprendizado da experiência hospitalar e sua importância para as demais práticas com a palhaça. Segue abaixo o quadro teórico dos meus estudos com os autores.

6.1. Quadro teórico: Estudos com autores clássicos

- ✓ Wuo, A. E: Revista Ouvir ou ver: Este artigo, que está mais para um ensaio de um ensaio, poderia chamar-se: “quatro propostas para uma próxima gargalhada”. Racionalizar sobre a causa do riso é de fato uma atividade inglória. Penso que essa pequena apresentação de um dos artigos faz uma síntese de apresentação de todos os outros.
- ✓ Castro, A.V.: O elogio da bobagem: Conta a história do palhaço, sua trajetória ao longo do tempo. Também o caminho percorrido por palhaços famosos conhecidos por nós, mostrando juntamente com tudo isso, como as palhaças chegaram ao nariz vermelho.
- ✓ Masetti, M: Soluções de palhaços: Usando humor e recurso essencial nossos artistas-atores altamente especializados nas áreas de teatro clown e técnicas circenses recebem treinamento médico específico para desempenhar, com todo cuidado e eficiência, seu trabalho junto aos jovens pacientes hospitalizados, auxiliando-os a superar os traumas inerentes aos processos de enfermidade e internação, restituindo a alegria como parte integrante de suas vidas e mostrando como é o ambiente do palhaço no hospital e suas experiências.
- ✓ Larrosa, J. B: Ensaio sobre experiência: Propõe pensar-se a educação a partir do par

experiência/sentido, contrapondo-se ao modo de pensar educação como relação entre ciência e técnica, ou entre teoria e prática. Para tanto, explora o significado da palavra experiência e sentido.

- ✓ Bergson, H: O riso. Apresente de modo claro o que é o riso e para que serve. Sem dúvida, os diversos estudos citados esclarecem em vários pontos a questão do riso. Mas o nosso método, que consiste em determinar os processos de produção do cômico e que visa a encerrar os efeitos do cômico numa fórmula muito ampla de muito simples, contrasta vivamente com o método em geral seguido.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palhaçaria equilibrou-me enquanto atriz em descoberta, foi e está sendo um meio por meio do qual consigo enxergar o que preciso melhorar em minha formação enquanto atriz. E, de modo singelo, pude aos poucos perceber o que o conteúdo teórico trazia para a prática da palhaça. Em improvisação, no início do período, é um pouco difícil ceder à ideia dos colegas e abraçá-la, à medida em que se conhece o clown, com as práticas contínuas nas idas ao hospital e em outras atividades, aos poucos, a escuta do olhar (Wuo, 2016) vai se abrindo e, quando se percebe, já estamos comprando a proposta dos colegas e eles, as nossas.

O jogo do clown é sempre bem próximo da plateia, trazendo assim o exercício do olho no olho com o expectador e, como no hospital sempre estamos com outros palhaços, devagar no processo, esse olhar é naturalmente realizado, proporcionando ali um encontro.

Outra observação sobre o trabalho com a palhaçaria é saber que o limite de uma ação é fundamental, por exemplo, não brincar com a criança/adulto caso ele não queira, pois respeitar algumas regras de cada local, hospital, igreja, escola são essenciais.

Embora o palhaço bagunce a sua vez e seja um ser transgressor que muda o ambiente, existe um ator ou atriz consciente de seu trabalho, alguém que está por trás da máscara, que consegue discernir, no caso da atuação no ambiente hospitalar, que o palhaço deve seguir algumas regras para atuar naquele espaço, como por exemplo: não entrar num quarto em isolamento, não entrar no quarto sem ser convidado, higienizar as mãos a cada entrada e saída de um quarto, etc.

Em contexto geral, a palhaça está sempre inventando uma forma de fazer o outro rir, trabalhando com suas misérias, já que se pode destacar o quanto o fracasso é transgressor, errar é a fonte de todo futuro acerto, mas somente quando rimos disso, mudaremos nossa forma de olhar a atuação como algo não só apenas esplendoroso, mas humano.

Outra observação bem importante é que, nesse meio de atuação no hospital,

conseguimos ver o artista docente, que joga com o outro no picadeiro hospital/faculdade, saindo assim da bolha onde o professor não é somente um líder superior, mas um parceiro de jogo, em que aprendemos juntos. Vemos palhaças atuando de igual para igual e não como se fossem aluna e professora. Foi assim que me senti depois de atuar no hospital pela primeira vez com a professora Vilma Campos e logo em seguida com a mestre Ana Wuol.

Minha caminhada pareceu solitária nos meus experimentos fora da UFU, mas devagar vi anjos cruzando meu caminho, dizendo, como France Nete Macedo (colega de curso de teatro na UFU), ela surgiu em meu caminho por providência divina, chamando-me para apresentar em sua cidade Monte Alegre (MG).

Em meio ao meu medo, sorrindo, ela só me disse: “Você vai, vai ser lindo”, e eu fui, o jogo do inesperado do clown na vida inesperada de uma atriz, quando construí o jogo desde o encontro com crianças e adultos nos corredores do evento, levando-lhes aquela construção de público e palhaça, que nos aproximou antes de iniciar a cena a ser realizada, algo importante no ritual de chegada e saída de cena, assim como o olhar nos olhos do público.

Então ser palhaça faz romper medos, ser palhaça são incertezas que, processualmente, vão sumindo. Ser palhaça, poranto, é correr riscos ao apresentar uma cena, mas ter a certeza de que, se não for para o palco, nada se cumprirá. É necessário também visitar o local da apresentação antes, para calcular como será sua chegada no espaço, pois o ator pode planejar de uma forma e, ao chegar ao lugar, ser tudo diferente.

Também pode ser desta forma, pode-se ir ao lugar e observar como jogar, embora muitas vezes joguei em lugares inesperados e construí um pequeno repertório para explorar o lugar com a minha palhaça.

Quanto a ter um repertório para atuar, isso é muito importante também. Ter repertório é sempre necessário, seja o corporal ou de outros tipos, trabalhando com a palhaça devagar se aprende a criar esse repertório que vai aparecendo conforme vamos praticando, dentro da lógica pessoal e cômica de cada um. E tudo isso é um desafio, criar é também uma constante busca! E a experiência me proporcionou acontecimentos importantes e atravessamentos pessoais e profissionais, assim na trilha de Larrosa na citação abaixo, consegui entender todo o meu saber sobre a minha experiência como palhaça:

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado a existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, intencional individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência de sua própria finitude. Por isso o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. LARROSA 2002, P.27

Figura 29 - Apresentação da cena: Fazendo Sumiço em Monte Alegre, arquivo pessoal, foto registrada por Elder



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

_ A palhaça é um encontro com a minha sabedoria risonha, que me fez entender-me como mulher, como uma potência do feminino. Desse modo, compreendi minhas dificuldades e habilidades tanto no teatro como na vida.

Fato bem importante na minha formação é que a palhaça, me ajudou a entender que pode haver frustração na aprendizagem, que fracassar pode ser uma força, e que não conseguir fazer algum exercício teatral ou cena em algum momento da graduação é parte da experiência de aprender.

Foi assim que pude aprender algumas atividades antes propostas, mas não executáveis, pois eu ainda não as compreendia, e a forma com que são trazidas pelo clown traz uma flexibilidade e um tempo dilatado para o processo de aprendizagem, não que seja a melhor forma, mas como cada um tem um modo de entender, o clown tem sido minha forma de desaprender e aprender no mundo, pois o palhaço nos ensina a ver pelo lado do avesso, e consigo ver o quanto o meu erro é produtivo e constrói o meu aprendizado como atriz, mulher

E concluo esses detalhes com um escritor que gosto muito, Rodrigues (2009):

Sejamos sempre crianças, sabiá,
Na ciranda do Menino, sabiá,
Anjos, reis e pastores, sabiá,
Entoemos novo hino, sabiá.

8. AGRADECIMENTOS

A Deus, que abriu a porta para que eu pudesse viver meu sonho, agradeço a Ele por

todo amor, cuidado e carinho para comigo. Obrigada por me fazer descansar em nuvens cinzas, repousar em seu espírito, trazer forças para mim, mostrar-me a palhaça como missão, repousar, tirou-me aqui da terra, para uma imersão no infinito, no amor, minha alma saía de meu corpo, como me trouxe forças, pessoas para acreditar em mim, Pai, mil vezes obrigada.

À Nossa Senhora Aparecida, minha mãe do céu, meu eterno agradecimento, sem a senhora vindo das nuvens cinzas, sorrindo e me fazendo levitar, bem sabes onde com minha teimosia ia chegar, eu nunca fui de esperar o tempo das coisas, agradeço por me levar a Jesus com tanta serenidade. Agradeço por escolher o nome da minha palhaça, mostrando que o nome dado por mim não era o melhor.

À minha mãe Geralda Lázara de Souza, por me trazer a vida e sempre acreditar em mim, a senhora nunca disse não a minha escolha profissional, sempre fez meus figurinos, incentivou meu ser palhaça desde meus 13 anos. Minha mãe, minha heroína, minha mãe minha flor divina, sempre que pensei em desistir, lá estava a senhora engolindo o choro e dizendo: “Força sua vó não era fraca e você também não é”.

Ao meu pai Geraldo Ivan Da Rocha por também aceitar minha escolha pela arte e ajudar em diversos momentos; um agradecimento especial à minha irmã Gislene De Souza Rocha, que me socorreu quando eu mais precisei, também sempre me apoiou em fazer teatro, obrigada por divulgar meus trabalhos teatrais na rádio, em que você trabalha como locutora, é muito bom ter uma irmã; ao meu sobrinho querido Artur Resende Rocha sou eternamente grata pela vontade manifestada em querer aprender o que vivo como palhaça em sua criança.

Ainda falando de família, meus anjinhos Tereza Placedina de Souza e Antônio Pio De Souza, meus eternos avós que na lembrança me trazem sua força em diversos momentos dessa jornada, agradecer também meus avós paternos pela oração, a todos da família que direto ou indiretamente estiveram comigo.

E um agradecimento todo especial à minha segunda família, MUR: (Ministério Universidades Renovadas) que no dia das nuvens cinzas, da calma e espírito flutuante, retornaram-me a vida plena, pessoas que estiveram comigo nos meus piores e melhores momentos, agradeço nossos retiros, momentos de descontração jogando a cidade dorme, refeições comunitárias, colo, tudo.

Agradeço a Célio De Ávila Freitas, por me apresentar um cartaz mostrando essa minha segunda família e também por tudo que me ajudou na entrada no curso, pela bolsa do PIBID (Programa de iniciação à docência), que me incentivou e ajudou com os papéis, eu tinha muito medo e sem sua ajuda eu não conseguiria persistir nessa bolsa.

Agradecimento todo carinhoso a minha primeira amiga aqui de Uberlândia: Kárita

Costa, foi ela quem me segurou pela mão em um dos meus mais difíceis momentos, nunca me esquecerei da ficha que me deste do R.U, e da maçã que selou nossa amizade, foram muitos momentos alegres e tristes juntas, jogando Perfil.

Raissa Muller foi e é um presente divino que Nossa Senhora Aparecida me deu, obrigada por estar sempre comigo, em tudo, partilhando, divertindo, sua presença trouxe paz a todos os momentos dessa graduação, e não poderia faltar a Ana Laura que com seu jeito carismático e solidário muito contribuiu em minha vida, em nome dessas pessoas agradeço meus amigos.

Quando Deus curou meu coração e me deu forças para eu não cair em depressão e assim não aceitar minha história mais ou menos, ganhei meu namorado Geraldo Peres Duarte Neto, o Espírito Santo mudou radicalmente minha existência, não sei nem como agradecer tamanho colo que essa pessoa me deu e me dá, você certamente foi peça importante nesse TCC, no processo de entendimento da minha escrita e de aceitação da mesma, ajudando-me a colocar coesão em minha escrita, pois percebi que escrevo como falo e, mesmo relendo, às vezes, fica confuso.

Muito agradecida por cada apresentação de palhaça que ao sair te encontrava todo orgulhoso de mim, isso não teve preço me sentia segura, amada e forte. Os momentos de calma e tranquilidade proporcionados por ti foram muito importantes para esse TCC acontecer, as flores que você levou no camarim para mim foi sua mão estendida diante do meu medo, eterna gratidão.

E falta uma pessoa muito especial, a mãe deste TCC, a mulher que acreditou em mim, na minha arte, Ana Elvira Wuo, agradeço a paciência infinita que teve e tem comigo, por ir aos poucos me auxiliando a modelar e aceitar a minha escrita, na qual eu não via potência e não conhecia. Ana, eu pensei muitas vezes no fracasso deste TCC, mas quando me vi fazendo algo com tudo aquilo que amo e conseguindo entender o que eu fazia, senti-me imensamente feliz. A mãe da Pequeno Detalhe, Ana Wuo, pela dedicação, carinho, paciência e a todos os professores. Ana vira, me virou e eu Wuei e voo.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento**. 9. ed: Editora Hucitec, 1996.

BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, n.19, pp.20-28.

CASTRO, A. V. **O elogio da bobagem: palhaços no brasil e no mundo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

FELLINI, F. **Fellini por Fellini. Vida, obra e paixões do grande cineaste contada por ele mesmo**. 1. ed. São Paulo: LPM, 1983

MASETTI, M. **Soluções de palhaços**. 1. ed. São Paulo: Palas Athena, 1998. RODRIGUES,

PROPP, V. *Comicidade e Riso*. Trad. Autora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RODRIGUES C. Cirandeira do menino-deus. 1ed. São Paulo: Paulinas, 2009

TOWSEN, John. H. *Clowns*. New York: Hawthorn, 1976. 400p.

WUO, A.E. Clown: desforma , rito de iniciação e passagem. Tese de doutorado em Artes da Cena.UNICAMP, 2016

XIMENES, F.L. S’o riso tocasse meu coração. **Revista ouvirOUver**. 2013, v. 9 n. 1, p. 24-30.

WUO, A. E. Comicidade: do “corpar” clownesco como princípio móvel, flexível, risível e espontâneo na (des) formação do ator. **Revista ouvirOUver**. 2013, v. 9 n. 1 p. 108- 116.

WUO, A. E. **O clown visitador: comicidade, arte e lazer para crianças hospitalizadas**. 1. ed. Uberlândia: Editora EDUFU, 2011

10. LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Foto do desfile da cidade, 1997, arquivo pessoal, foto tirada por minha mãe Geralda

Figura 2 - Foto da minha formatura no pré de 6, tirada por minha irmã Gislene

Figura 3 - Semana da arte moderna na E.M. Padre Goulart, foto tirada por autor desconhecido

Figura 4 - Semana da arte moderna na E.M. Padre Goulart, tirada por autor desconhecido.

Figura 5 - Inauguração do laboratório de informática da E.M Padre Goulart, foto cedida pelo atual diretor da escola: Júlio.

Figura 6 - Continuações da inauguração do laboratório de informática, foto cedida pelo atual diretor: Júlio.

Figura 7 - Continuações da inauguração do laboratório de informática, foto cedida pelo atual diretor: Júlio.

Figura 8 - Foto feita para a divulgação da palhaça coração no jornal da cidade, tirada pelo Studio foto rápido de Rio Paranaíba.

Figura 9 - Carreata para convidar a população para a festa junina da escola: Dr. Adiron Gonçalves Boaventura, tirada por minha mãe Geralda.

Figura 10 - Carreata para convidar a população para a festa junina da escola: Dr. Adiron Gonçalves Boaventura, tirada por minha mãe Geralda.

Figura 11 - Segunda iniciação ao clown ministrada por Ana Wuo, arquivo pessoal, tirada por desconhecido.

Figura 12 - Segunda iniciação ao clown ministrada por Ana Wuo, arquivo pessoal, tirada por desconhecido.

Figura 13 - Exercício cênico: Terror e miséria no terceiro reich, arquivo do IARTE, autor desconhecido.

Figura 14 - Aula de tecido ministrada pela professora: Diana Magalhães, foto tirada por Alessandro Cardoso, arquivo pessoal.

Figura 15 Arquivo pessoal, aula da disciplina de melodrama, ministrada por: Maria de Maria, foto tirada por desconhecido.

Figura 16 - Arquivo pessoal, aula da disciplina de melodrama, ministrada por: Maria de Maria, foto tirada por desconhecido.

Figura 17 - Encerramento do estágio 2 na ESEBA escola de educação básica da UFU, foto tirada pelo intérprete da Lorena.

Figura 18 - Encerramento do estágio 2 na ESEBA escola de educação básica, arquivo pessoal, fotos tiradas pelo intérprete da Lorena.

Figura 19 - Encerramento do estágio 2 na ESEBA escola de educação básica, arquivo pessoal, fotos tiradas pelo intérprete da Lorena.

Figura 20 - Iniciação ao clown com meu sobrinho no método de Ana Wuo, arquivo pessoal, selfie tirada por mim.

Figura 21 Segundo experimento de palhaços na casa de minha mãe, arquivo pessoal, foto tirada por minha mãe Geralda.

Figura 22 - Sobre depois de nosso primeiro experimento juntos Artur descreveu como foi para ele.

Figura 23 Uma das salas de estudo bíblico do centro espírita, no dia acontecia uma festividade com variadas oficinas pelos espaços da casa, arquivo pessoal, foto tirada pela intérprete da Lorena, a Marina, membro atuante do centro.

Figura 24 - Uma das salas de estudo bíblico do centro espírita, no dia acontecia uma festividade com variadas oficinas pelos espaços da casa, arquivo pessoal, foto tirada pela intérprete da Lorena, a Marina, membro atuante do centro.

Figura 25 Porta da sala onde é realizado o Gou, arquivo pessoal, foto tirada por desconhecido.

Figura 26 - Bar da Antônia, arquivo pessoal, foto tirada por desconhecido.

Figura 27 - Arquivo pessoal, trio: Pequeno Detalhe, Quincas Frango e Amnesia.

Figura 28 - Arquivo pessoal, tirada por desconhecido.

Figura 29 - Apresentação da cena: Fazendo Sumiço em Monte Alegre, arquivo pessoal, foto registrada por Elder.

11. FOLHAS DO CADERNO DE BORDO ENCONTRADAS E PINTURAS